

Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais - PPGCTA

Louise Gomes Passos

**CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO NA COMUNIDADE DIVINO
ESPÍRITO SANTO NO DISTRITO DE VALE VERDE, BAHIA,
NORDESTE DO BRASIL**

Orientador: Prof. Dr. Jorge
Antonio Silva Costa

PORTO SEGURO - BA
OUTUBRO – 2019

Louise Gomes Passos

**CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO NA COMUNIDADE DIVINO
ESPÍRITO SANTO NO DISTRITO DE VALE VERDE, BAHIA,
NORDESTE DO BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Sul da Bahia e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais para obtenção do Título de Mestre em Ciências e Tecnologias Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Jorge
Antonio Silva Costa

PORTO SEGURO - BA
OUTUBRO – 2019

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia - Sistema de Bibliotecas

P289c Passos, Louise Gomes, 1990 -
Conhecimento etnobotânico na Comunidade Divino
Espírito Santo no Distrito de Vale Verde, Bahia, Nordeste do
Brasil. / Louise Gomes Passos. – Porto Seguro, 2019.
80 p.

Orientador: Jorge Antônio Silva Costa
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da
Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ciências e
Tecnologias Ambientais. Campus Sosígenes Costa.

1. Mata Atlântica. 2. Etnobotânica. 3. Comunidade Rural. I.
Costa, Jorge Antônio Silva. II. Título.

CDD: 581

Universidade Federal do Sul da Bahia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais
Centro de Formação em Ciências Ambientais

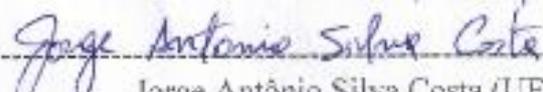
Ata da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado

Aos 31 dias do mês de outubro do ano de 2019, às 09:00h na sala Taperapuã 2, Campus Sosígenes Costa, reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos professores: Jorge Antônio Silva Costa (Orientador e Presidente da banca), Ângela Maria Garcia (membro externo ao programa) Carolina Weber Kffuri (membro interno) e Jailson Santos de Novais (membro interno) a fim de argüirem a mestrand **Louise Gomes Passos**, cujo trabalho intitula-se "Conhecimento Etnobotânico da Comunidade Divino Espírito Santo no distrito de Vale Verde, Bahia, Nordeste do Brasil". Aberta a sessão pelo presidente da mesma, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo em seguida questionada pelos membros da banca examinadora, tendo dado as explicações que foram necessárias. Os membros da banca consideraram o trabalho de dissertação:

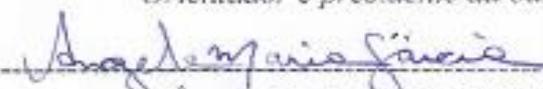
- aprovado
 aprovado com modificações
 não aprovado, devendo ser realizada nova qualificação no prazo de ___ meses.

Recomendações da Banca:

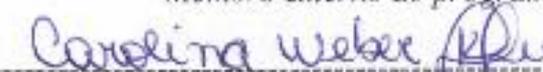
Incorporar as sugestões no texto ~~de~~ acordo com o orientador; Valorizar mais os dados qualitativos; apresentar os resultados e discutir.
Banca Examinadora: são os temas; verificar n.º de spp para evitar duplicações.



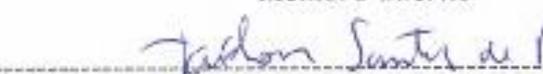
Jorge Antônio Silva Costa (UFSB)
Orientador e presidente da banca



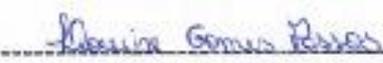
Ângela Maria Garcia (UFSB)
Membro externo ao programa



Carolina Weber Kffuri (UFSB)
Membro interno



Jailson Santos de Novais (UFSB)
Membro interno

Candidata: 

Louise Gomes Passos

Dedico este trabalho à
população do Distrito de
Vale Verde por me
abraçar e abraçar meu
projeto.

AGRADECIMENTOS

Muitas vezes abri página em branco para escrever estes agradecimentos, e muitas a tornei a fechar por não saber o que escreveria. Se escrever as demais partes da dissertação foi árdua tarefa, não é opostamente fácil esta, visto a grande vontade de dirigir a palavra a todos, nominalmente, sem de nenhum nome esquecer e sem extrapolar este pequeno espaço, além da vontade de deixar registrado algo que traduzisse a alegria de concluir mais esta etapa da minha vida. Assim, decidi perder esta guerra e, com pesar, me limitarei a citar poucos nomes, mas rogando àqueles não citados, lembrando-os que são igualmente importantes. Neste espaço agradeço e dedico todo este esforço e trabalho a todos que o tornaram possível e também aqueles que o motivaram:

À toda minha família, em especial a minha e painho - Seu Ricardo e Dona Fabíola - meu irmão cocó e; meu namorado Matheus, pela paciência nos momentos difíceis e por entender minha ausência em alguns deles. Com força e fé vamos superar todos.

Aos meus amigos de Cruz das Almas, em especial à minha turma da Engenharia Florestal e aos meus amigos de Eunápolis pelo apoio, incentivos, cervejas, amizade e torcida. Ilana, lembro com carinho das palavras reconfortantes, da força e dos incentivos! Rafael, obrigada pelo auxílio em campo.

Aos professores da UFSB, em especial à prof.^a Cris, prof. Jailson, prof.^a Ângela, prof.^a Caroline, prof. Nadson... obrigada pelos ensinamentos e oportunidades. Ainda mais especial ao professor Jorge - que muito admiro – pela orientação, ensinamentos, incentivos, gentilezas e compreensão. Grande exemplo de pessoa e de profissional.

Ao pessoal do administrativo do PPGCTA, e aos amigos e colegas desta primeira turma: Élica, Tica, Aline, Greyce, Ju, Neli, Fábio, Fernando, Gabi, Andressa, Cris, Felipe, Vini, Claudionor, Ricardo, Maurício, Luiza, Michele, Lucas... Nós somos FODAS!!!

Aos amigos e colegas do núcleo de pesquisa ConBioS que contribuíram com meu trabalho, em especial ao Lucas, Kariny, Tai, Vini, Winnie, Agatha.

Aos alunos da turma 01 da disciplina Etnobotânica do semestre 2018.2.

Ao distrito de Vale Verde por me receber com tanto carinho e por acreditar na minha pesquisa, em especial à Romenil pelos auxílios e dedicação. O trabalho continua...

Aos membros da banca examinadora, pelas valiosas contribuições.

Ao povo brasileiro.

(...) viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto (...).

Mia Couto

SUMÁRIO

ABSTRACT	10
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS	11
LISTA DE TABELAS	12
LISTA DE GRÁFICOS	12
LISTA DE FIGURAS	13
1. INTRODUÇÃO	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 Contextualização Geral do Território Original da Mata Atlântica	16
2.2 A Etnobotânica	17
3. OBJETIVOS	20
3.1 Objetivo geral	20
3.2 Objetivos específicos	20
4. MATERIAL E MÉTODOS	21
4.1 Área de Estudo	21
4.1.1 Contextualização Geral	21
4.2 Estudo Etnobotânico	23
4.2.1 Escolha do local e seleção dos participantes para a pesquisa	23
4.2.2 Critérios de Inclusão e Exclusão para Participantes	27
4.2.3 Mapeamento do Vale Verde	28
4.2.4 Observação Participante	31
4.2.5 Entrevistas e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	31
4.2.6 Turnê Guiada	33
4.3 Análise dos dados	35
4.3.1 Estatística Descritiva	35
4.3.2 Índice do Valor de Uso	36
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	37
5.2 As pessoas e a Comunidade Divino Espírito Santo	37
5.3 As pessoas, as plantas e a Comunidade Divino Espírito Santo	40
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
8. RECOMENDAÇÕES	64
9. DEVOLUÇÃO QUALIFICADA	65
10. REFERÊNCIAS	66
11. MATERIAL SUPLEMENTAR	70

RESUMO

PASSOS, L.G. **Conhecimento Etnobotânico na Comunidade Divino Espírito Santo no Distrito de Vale Verde, Bahia, Nordeste do Brasil.** 2019. 81f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologias Ambientais) – Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Porto Seguro - BA, 2019.

O conhecimento acumulado pelas comunidades tradicionais é fundamental para manter a diversidade biológica, assegurando a utilização e manejo racional dos recursos naturais. Assim, o presente trabalho teve como objetivo, fazer um levantamento por meio do conhecimento tradicional, através de uma perspectiva etnobotânica descritiva das espécies vegetais do território original da Mata Atlântica utilizadas em categorias distintas em uma comunidade tradicional do distrito do Vale Verde (BA). A primeira etapa do trabalho tratou do acesso ao conhecimento etnobotânico da população local. Para tanto, foram realizadas 13 visitas de campo incluindo 07 entrevistas realizadas com a comunidade no período entre abril/2018 e julho/2019. Foram utilizados métodos de pesquisa, como: observação participante, conversas informais, entrevistas semiestruturadas, bola de neve e turnê guiada. Gerou-se um banco de dados com informações obtidas nas entrevistas. A análise foi subsidiada através do programa Microsoft Office Excel® 2007, sendo realizada a estatística descritiva a partir da tabulação simples, distribuição de porcentagens, tabelas e figuras, o índice de valor de uso. As pessoas identificam e/ou usam mais de 80 espécies de plantas distribuídas em 09 categorias de uso: medicinal, ornamental, alimentício, construção/madeireiro, uso doméstico, repelente de inseto/inseticida, comercial, uso místico e cosmético. Foram identificadas 44 famílias botânicas, sendo a Lamiaceae a mais citada. A parte do vegetal que teve maior significância quanto à categoria de uso foi a folha, sendo utilizada na sua maioria, na medicina caseira. Em sua pluralidade, o local de aquisição de plantas para uso da população é através de quintais, totalizando 87%, seguido da Mata (9%). Discute-se como que os recursos naturais são utilizados e a implicação disso na conservação da Mata Atlântica. O conhecimento sobre a vegetação local e das plantas são adquiridos e passados através de pessoas mais velhas, bem como, pelas vivências diárias com o ambiente natural, refletindo no modo de vida da comunidade. A escolha das espécies pelos interlocutores da comunidade parece indicar o critério da facilidade no acesso às plantas utilizadas, uma vez que quase todas as espécies provêm dos quintais e não da mata. As pessoas escolhem as plantas devido aos seus múltiplos usos, pois a maioria das plantas utilizadas possui mais que uma forma de uso.

Palavras-chave: Mata Atlântica. Etnobotânica. Comunidade Rural.

ABSTRACT

PASSOS, L.G. **Ethnobotanical Knowledge in the Divino Espírito Santo Community in the Vale Verde District, Bahia, Northeast Brazil.** 2019. 81f. Dissertation (Master in Environmental Sciences and Technologies) – Federal University of Southern Bahia (UFSB), Porto Seguro - BA, 2019.

The knowledge accumulated by traditional communities is fundamental for the maintenance of biological diversity, ensuring the use and rational management of natural resources. Thus, the present work aimed to make a survey through traditional knowledge, through a descriptive ethnobotanical perspective of plant species from the original territory of the Atlantic Forest used in different categories in a traditional community of the district of Vale Verde (BA). The first stage of the work dealt with the access to ethnobotanical knowledge of the local population. To this end, 13 field visits were carried out including 07 interviews with the community between April / 2018 and July / 2019. Research methods such as participant observation, informal conversations, semi-structured interviews, snowball and guided tour were used. The analysis was subsidized through the Microsoft Office Excel® 2007 program, being performed the descriptive statistics from simple tabulation, distribution of percentages, tables and figures. People identify and/or use more than 80 species of plants distributed into 09 usage categories: medicinal, ornamental, food, construction/woodworking, household use, insect repellent/insecticide, commercial, mystical use and cosmetic. Forty-four botanical families were identified, Lamiaceae being the most cited. The part of the vegetable that had the highest significance regarding the category of use was the leaf, being mostly used in home medicine. Mostly, the place of purchase of plants for use by the population is through backyards, totaling 87%, followed by forest (9%). It is discussed how natural resources are used and the implication of this in the conservation of the Atlantic Forest. The knowledge about the local vegetation and plants are acquired and passed through older people, as well as the daily experiences with the natural environment, reflecting in the way of life of the community. The choice of species by the informers of the community seems to indicate the criterion of ease in access to the plants used, since almost all species originate from the backyards and not from the forest. People choose plants due to their multiple uses, because most of the plants used have more than one form of use.

Keywords: Atlantic Forest. Ethnobotany. Farming Community.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

CEP – Comitês de Ética em Pesquisa

EMBASA – Empresa Baiana de Água e Saneamento

GCPP – Herbário Prof. Geraldo C. P. Pinto

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSB – Universidade Federal do Sul da Bahia

VU – Valor de Uso

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Espécies citadas no levantamento Etnobotânico realizado na Comunidade Divino Espírito Santo, Distrito de Vale Verde, Porto Seguro, Bahia.....	52
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade dos interlocutores de acordo com o gênero.....	37
Gráfico 2 - Distribuição dos indivíduos participantes por gênero.....	38
Gráfico 3 - Nível de escolaridade dos indivíduos participantes do estudo.	38
Gráfico 4 – Nº de registros de famílias por citações de espécies pelos entrevistados.....	41
Gráfico 5 – Categorias de Uso das espécies vegetais citadas por entrevistados da Comunidade Divino Espírito Santo.	42
Gráfico 6 - Valor de Uso das espécies vegetais mais citadas nesta pesquisa.	44
Gráfico 7 – Origem das plantas listadas por moradores da comunidade Divino Espírito Santo.	45
Gráfico 8 – Partes das plantas utilizadas.....	47
Gráfico 9 - Local de aquisição das plantas.	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do distrito de Vale Verde, Bahia.....	22
Figura 2 - Fotos a) a d) – Visita prévia à comunidade do Divino Espírito Santo, para reconhecimento da área de pesquisa.....	24
Figura 3 - Fotos a) a b) – Reunião com moradores e representantes do Vale Verde no centro administrativo do distrito.....	25
Figura 4 - Fotos a) a d) – Mapeamento e reconhecimento das comunidades pertencentes ao distrito de Vale Verde.	28
Figura 5 - Mapa de localização das comunidades pertencentes ao distrito de Vale Verde, Bahia.	30
Figura 6 - Fotos a) a d) – Conversa informal com o Sr. Romenil (a-c), representante e nativo do Vale Verde, e Sr.Guma e Sr. Pedro, moradores locais (d).....	32
Figura 7 - Fotos a) a e) – Entrevistados com participação voluntária na pesquisa. Fotos autorizadas para divulgação no estudo.	33
Figura 8 - Fotos a) a f) – Coleta do material para prensagem e posterior identificação.....	35
Figura 9 - Fotos a) a d) – Artesanatos produzidos por moradores da comunidade Divino Espírito Santo.	39

1. INTRODUÇÃO

Embora o Brasil seja um país que apresenta uma grande biodiversidade de flora e fauna, é sabido que algumas regiões carecem de estudos. Boa parte da flora brasileira ainda é desconhecida, tornando-a vulnerável ao desaparecimento, uma vez que as espécies tendem a ser mantidas pelas comunidades quando tem alguma utilidade e fizerem algum sentido (GOTTEN, 2012).

Por apresentar um alto endemismo biológico e um grande risco de destruição de seu ambiente, a Mata Atlântica brasileira é considerada como uma das áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade (MMA, 2000). Além do patrimônio biológico, os riscos também se estendem às comunidades humanas e todo o conhecimento sobre o ambiente, que podem estar desaparecendo mais rápido do que a própria floresta.

O estudo etnobotânico tem se mostrado uma ferramenta bastante promissora quanto às ameaças ao conhecimento ecológico local (ALBUQUERQUE, 2008). A etnobotânica permite estudar a interação entre os recursos naturais e a sociedade dentro dos sistemas dinâmicos, contribuindo dessa forma, para manutenção do acervo do saber popular e do conhecimento científico baseado no desenvolvimento de novas tecnologias.

Grande parte da população mundial, quiçá toda ela, depende diretamente ou indiretamente de recursos vegetais para suprir suas necessidades, estando as plantas medicinais e alimentícias dentre as temáticas mais investigadas pela etnobotânica na América Latina (LIPORACCI, 2014), uma clara demonstração da riqueza botânica de nossas matas ou florestas ou população vegetal. Nesta perspectiva, a etnobotânica pode ser assimilada como o estudo das interações entre pessoas e plantas, sendo de grande relevância para os recursos vegetais e para a sobrevivência e manutenção das populações locais (BEGOSSI, 1996; HANAZAKI, 2010; SILVANO, 2002).

O presente projeto mostra-se relevante pela carência de estudos da etnobotânica em comunidades tradicionais, especificamente do distrito de Vale Verde - Bahia, inserido no Bioma Mata Atlântica, permitindo a compreensão sobre as relações

existentes entre a botânica e o ser humano levando ao entendimento sobre formas de manejo e preservação ambiental local.

O distrito do Vale Verde está relacionado com o processo de colonização da América Portuguesa, sendo reconfigurado por processos históricos, tradições e costumes em função dos movimentos migratórios para a região. Atualmente, representantes das comunidades locais mesclam-se aos novos habitantes devido ao crescimento da população, bem como, com a chegada de famílias de outras regiões e estados. Porém, diferenciam-se por possuírem a memória tanto dos aspectos físicos, como culturais da região no passado. O distrito de Vale Verde foi sendo constituído por comunidades, tais como: Divino Espírito Santo, São Miguel, Bom Jesus, Nossa Senhora Aparecida, Santa Rita e São João (SILVA, 2013).

Apesar da população ter proporcionado transformações no ambiente, as práticas de trabalho e sobrevivência estavam diretamente relacionados com os elementos naturais, de forma a construir um conhecimento local sobre a biodiversidade. Atualmente, tais conhecimentos não se configuram valores essenciais para a sobrevivência, já que ocorre um avanço cada vez mais acelerado de acesso aos bens e serviços que substituem o uso dos recursos in natura, com isso, há um grande risco de se perderem no tempo sem ao menos terem sido registrados.

Este trabalho tem como objetivo investigar o conhecimento etnobotânico da população de uma comunidade do distrito de Vale Verde, pertencente ao município de Porto Seguro – Bahia. Para esta proposta, foi destacado o conhecimento etnobotânico da população tradicional da comunidade do Divino Espírito Santo, no Vale Verde, sobre a flora da Mata Atlântica, considerando o saber tradicional e utilização dos recursos ambientais através dos conhecimentos adquiridos e entre os diferentes gêneros e faixas etárias, frente à conservação dos recursos disponíveis da Mata Atlântica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Contextualização Geral do Território Original da Mata Atlântica

Considerada a segunda maior floresta pluvial tropical do continente americano, a Mata Atlântica e seus ecossistemas associados cobriam na época do descobrimento, aproximadamente 1,5 milhões de quilômetros quadrados, com 92% de representação desta área no Brasil (TABARELLI *et al.*, 2005; MMA, 2000).

Sabe-se que atualmente, apenas 8% da área do bioma preserva suas características bióticas originais (MMA, 2000). Embora tenha sido submetido a uma grande devastação, o bioma ainda abriga altíssimos níveis de riqueza biológica, possuindo mais de 8 mil espécies endêmicas entre plantas e animais.

A Mata Atlântica está dentre os 34 *hotspots* mundiais de biodiversidade, apresentando riquezas pontuais bastantes significativas (MITTERMEIER *et al.*, 2004). É considerado o bioma com o segundo maior recorde mundial de diversidade de plantas lenhosas encontradas e registradas, dentre elas, 458 espécies encontram-se em um único hectare no sul da Bahia (MMA, 2000), apresentando formações muito interessantes, sob o aspecto fitogeográfico, com ocorrência de vários táxons amazônicos em meio a outros tipicamente atlânticos (MMA, 2000).

De acordo com Myers *et al.* (2000), a Mata Atlântica já perdeu mais de 93% de sua área. A perda e a fragmentação de *habitats* são dois principais fatores que levam à extinção de espécies. Uma das causas da perda de *habitat* identificada por Dean (1996) foi a sobrexploração dos recursos florestais causados pelo ser humano (madeira, frutos, lenha, caça), bem como, a exploração da terra para uso humano (pastos, agricultura e silvicultura).

A maioria das espécies oficialmente ameaçadas de extinção no Brasil habita a Mata Atlântica (TABARELLI *et al.*, 2003). Segundo Galetti & Fernandez (1998) e Tabarelli *et al.* (2004), os remanescentes florestais continuam sofrendo pressões antrópicas, sendo degradados pela extração de lenha, exploração madeireira ilegal, coleta de plantas e produtos vegetais e invasão por espécies exóticas.

Wilson (1994) afirma que o primeiro passo para a preservação e conservação da biodiversidade consiste no conhecimento das espécies existentes, onde vivem e

quais os elementos críticos para a sua sobrevivência no ambiente natural. Porém, por apresentar alto índice de biodiversidade e endemismo, os esforços para a conservação da Mata Atlântica enfrentam grandes desafios, dentre eles, a grande lacuna do conhecimento sobre as regiões (MMA, 2000).

Nesse contexto, nas regiões passíveis de transformações ambientais e sociais deve-se levar em consideração as características da vegetação através dos registros de informações relacionadas às interações entre pessoas e plantas, evitando que tais informações sejam perdidas frente a novos contextos (GANDOLFO, 2010).

2.2 A Etnobotânica

A etnobotânica é uma ciência, e como tal, privilegia o conhecimento mediante a observação e experiências que agregados a outros processos somam significativamente para que a finalidade seja a interação entre as plantas e o ser humano. Diegues (2000), ressalta que essa interação entre o homem e natureza é uma relação integral, única, forte e inseparável.

Cada sociedade trata a natureza conforme sua cultura, seu modo de viver. Talvez por essa questão, a etnobotânica não possua estrutura própria e necessita da interdisciplinaridade, da junção da antropologia, botânica, sociologia e biologia para um maior conhecimento, entendimento e aproveitamento das plantas em diversos meios (ALBUQUERQUE, 2005). Ainda segundo o autor, a etnobotânica é uma subárea da etnobiologia e estuda a relação homem/planta de culturas viventes. Além disso, afirma que a origem do termo vem do século XIX, designado por Harsberger. Albuquerque complementa que:

“A etnobotânica como etnociência, é um dos campos mais avançados em pesquisas, principalmente as que se relacionam aos fármacos e outros que se utilizam da exploração e manejo de recursos naturais como forma de obtenção de alimentos, remédios e matéria-prima para os mais diversos fins.” (ALBUQUERQUE, 2005)

Um dos pontos levantados no estudo de Amorzo & Gély (1988), que trata sobre o uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, é o valor da interação do homem e a natureza, da ciência e o saber local. Juntos, podem trazer resultados férteis que contribuirão certamente para o bom uso e conservação dos recursos biológicos. Ainda salientam que:

“A etnobotânica, munida de um instrumental teórico-metodológico que inclui muitos aspectos das ciências biológicas e das ciências sociais, especialmente a antropologia, está bem equipada para colaborar com esta tarefa. Não obstante, modificações introduzidas nas formas de vida destas populações devido ao contato com sociedades nacionais, podem levar e estão levando, em muitos casos, ao abandono ou inadequação das antigas estratégias de manejo, ou à sobre-exploração dos recursos, resultantes de um aumento da densidade populacional humana, e/ou da inserção na economia de mercado.” (AMOROZO & GÉLY, 1988)

A etnobotânica trata-se de uma investigação científica que utiliza conhecimentos tradicionais empíricos em prol do melhoramento da qualidade de vida não só dos seres humanos, como do ambiente, pois com o conhecimento das propriedades úteis e apreensão dos sentidos e significados para a população local das espécies vegetais, em termos antropológicos, podem contribuir para a conservação dos recursos ambientais. Essa investigação se apresenta como uma ferramenta essencial para se preencher lacunas que existem quando se trata de conhecimentos dos recursos vegetais.

Além do conhecimento etnobotânico contribuir para o conhecimento científico das espécies vegetais, serve também como ferramenta para resgatar o conhecimento tradicional (PRANCE, 1987; DELWING *et al*, 2007). É através desse conhecimento passado de geração a geração que os recursos manejados por comunidades tradicionais tornam-se sustentáveis (PEREIRA & e DIEGUES, 2010).

Gaoue et al (2017) em estudo de Teorias e Hipóteses na etnobotânica, valida a interação entre pessoas e plantas atribuindo um rigor de metodologia à pesquisa através de algumas análises, como por exemplo, a análise de Valor de Uso, da versatilidade, disponibilidade e até mesmo da diversificação de espécies.

Dentro desse contexto, o potencial de estudo etnobotânico é amplo, pois abrange vários aspectos da relação do ser humano com as plantas: uso material, conservação, uso cultural, tabus, plantas sagradas, curativas, dentre outras.

Para Fernandes (2008), a abrangência dos diversos aspectos do ser humano com as plantas está intimamente relacionada com o processo de miscigenação de etnias no Brasil, uma vez que, as diversas interações e conhecimento quanto ao uso das plantas ocorreram com a vinda de escravos, os povos europeus e indígenas, difundindo os conhecimentos sobre a flora local.

“A miscigenação de etnias no Brasil torna este país uma importante fonte de conhecimentos diversos quanto ao uso de plantas, dada a vinda de escravos da África, a colonização dada por povos europeus e povos indígenas e seus conhecimentos sobre a flora local acabaram se fundindo e consolidando em comunidades.”
(FERNANDES, 2008)

Os levantamentos etnobotânicos identificam espécies, promovem a auto sustentabilidade, e colaboram na promoção, valorização, e conservação de potenciais usos que correm grandes riscos de serem perdidos e que podem garantir a sustentabilidade social e econômica de várias populações, bem como a continuidade de determinadas identidades étnicas.

A busca da informação é o que mantém a interação de comunidades humanas com o mundo vegetal em suas dimensões antropológica, ecológica e botânica. Esses estudos são de grande importância na manutenção da cultura, além de combinar conhecimentos tradicionais e modernos, permitindo uma melhor investigação dessa flora ainda tão desconhecida, bem como, a sua conservação e manejo sustentável.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Verificar o conhecimento adquirido e acumulado sobre espécies vegetais por moradores na comunidade Divino Espírito Santo, pertencente ao Vale Verde, distrito do município de Porto Seguro – Bahia.

3.2 Objetivos específicos

- Levantar as plantas reconhecidas como úteis e/ou utilizadas por moradores do Divino Espírito Santo;
- Identificar espécies que a população reconhece como não nativa;
- Apresentar uma lista de espécies em diferentes categorias de uso;
- Analisar as categorias de uso das plantas citadas pelos entrevistados;
- Compreender sobre como o conhecimento das plantas se distribui entre os entrevistados considerando o gênero e a faixa etária;
- Entender como as pessoas selecionam plantas no seu cotidiano;
- Mapear as comunidades reconhecidas pela população do distrito de Vale Verde.

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Área de Estudo

4.1.1 Contextualização Geral

O Vale Verde é um distrito do município de Porto Seguro que situa-se a -16.4052711” de Latitude Sul e -39.3158419 de Longitude Oeste, localizado às margens do Rio Buranhém, entre Arraial d'Ajuda e Trancoso, aproximadamente 40 km da sede do município de Porto Seguro, Bahia (SILVA, 2013), conforme mapa de localização apresentado na Figura 1. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população no ano de 2010 era de 1.912 habitantes, sendo 1.020 homens e 892 mulheres, com densidade de 7,72 hab./km², possuindo um total de 701 domicílios particulares.

O distrito foi criado inicialmente sob a condição de município, sendo posteriormente extinto, rebaixado novamente à categoria de distrito e anexado a Porto Seguro mediante a Lei estadual nº 1.190, de 28 de maio de 1917 (SILVA, 2013). Seu processo de colonização está intimamente relacionado à América Portuguesa, à vinda dos Jesuítas para o Brasil e à história indígena, pois em meados do século XVI, foi fundada a missão Jesuítica Aldeia do Espírito Santo dos Índios ou Aldeia Patatiba. Com o processo de colonização, a aldeia foi determinada por processos históricos, tradições e costumes em função dos movimentos migratórios para a região (SILVA, 2013).

Já no século XVIII, com a expulsão dos Jesuítas, a Aldeia Patatiba passou a ser chamada de Aldeia Vila Verde e somente no século XX, passa a ser chamada de Vale Verde, como distrito de Porto Seguro – Bahia. Como consequência do crescimento da população, bem como a chegada de famílias de outras regiões e estados, o distrito de Vale Verde foi sendo constituído com outras comunidades, tais como: Divino Espírito Santo (antiga Aldeia Vila Verde), São Miguel, Bom Jesus, Nossa Senhora Aparecida, Santa Rita e São João (SILVA, 2013).

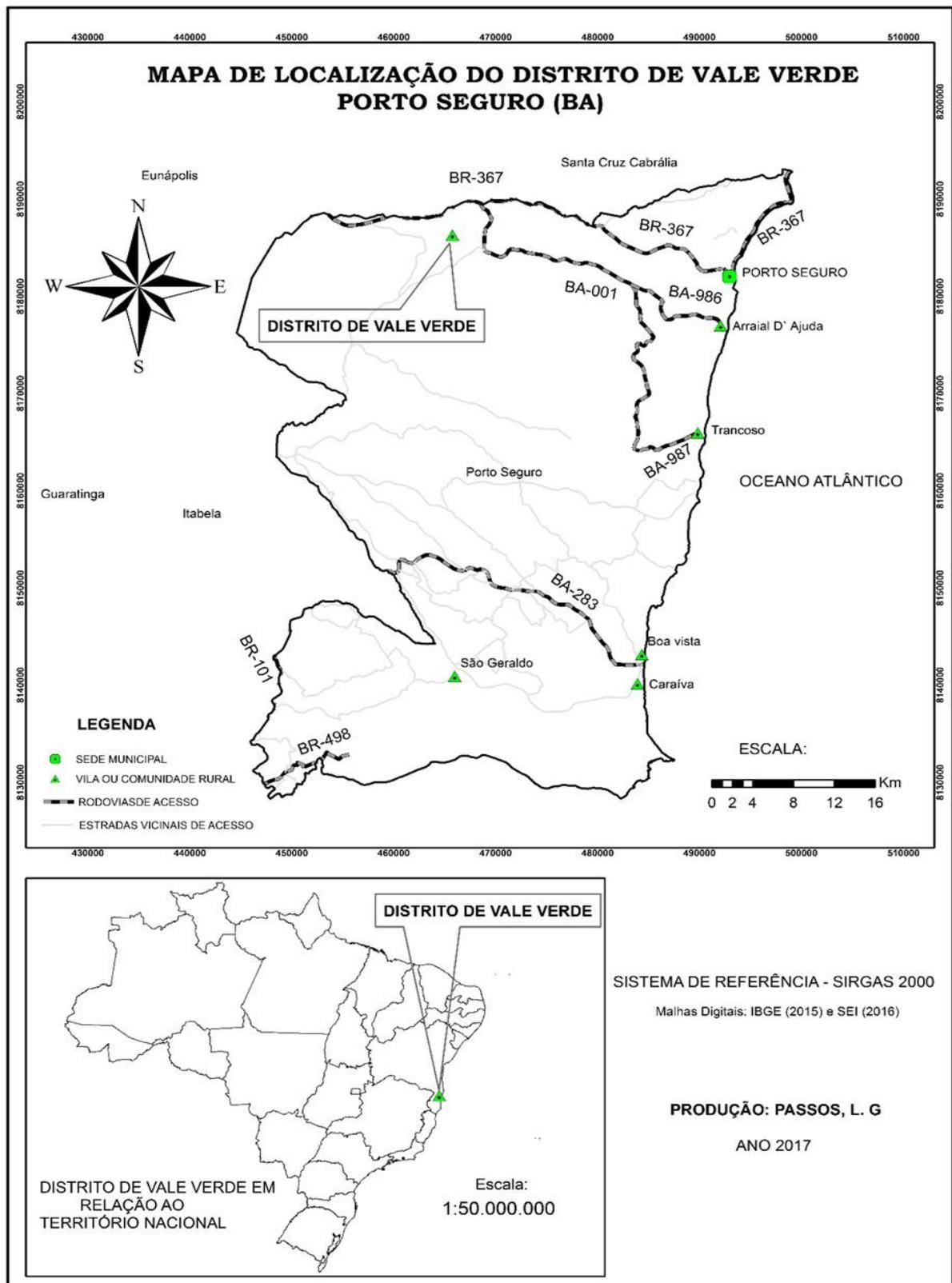


Figura 1 - Mapa de localização do distrito de Vale Verde, Bahia.

O município de Porto Seguro apresenta um clima tropical, e de acordo com Köppen e Geiger (1936) o clima é classificado como Af (clima tropical úmido). As temperaturas são parcialmente elevadas, com amplitude térmica moderada e temperaturas médias anuais sempre superiores a 20°C. As temperaturas médias mais elevadas ocorrem de fevereiro a abril, com valores acima de 24°C, e novembro a dezembro, com valores em torno de 25°C, enquanto as mais baixas ocorrem no mês de agosto a setembro, com aproximadamente 22°C. A pluviosidade média anual é de 1.624 mm (CLIMATEMPO, 2017).

O município de Porto Seguro encontra-se geologicamente inserido em três unidades morfoesculturais, sendo estas: Superfície Pré-Litorânea, Tabuleiros Costeiros e Planícies Flúvio-Marinhas. O município em sua maior porção é ocupada pelos tabuleiros costeiros, sustentados por rochas e sedimentos pliocênicos do grupo Barreiras (CPRM, 2009).

Porto Seguro possui uma predominância do bioma Mata Atlântica, campos naturais ("mussunungas"), vegetação de restinga, brejos e mangues. Essas áreas predominantes possuem alta biodiversidade, espécies endêmicas e com alto grau de ameaças. A biodiversidade da Costa do Descobrimento caracteriza-se por uma mistura de endemismos regionais de floresta Atlântica e Amazônica (MMA, 2000).

4.2 Estudo Etnobotânico

4.2.1 Escolha do local e seleção dos participantes para a pesquisa

Um dos objetivos da pesquisa foi investigar o conhecimento adquirido e acumulado sobre as plantas por moradores de uma comunidade do Distrito de Vale Verde. Diante desta perspectiva, o primeiro contato foi com o representante de Vale Verde juntamente com o administrador na época do início do estudo para falar previamente sobre a pesquisa e ver quais comunidades seriam mais interessantes para serem alvo do estudo. O representante é considerado o porta voz das comunidades, sendo o facilitador para resolução de questões sociais, econômicas e demais anseios do distrito. O administrador assume o planejamento, coordena e controla, define metas, propósitos e objetivos que serão alcançados pelas comunidades. Ambos, juntamente com a população local, em uma reunião no centro administrativo do distrito, informaram que a população que detinha maior conhecimento de plantas era

a comunidade do Divino Espírito Santo, justamente por ter sido a primeira comunidade fundada em Vale Verde, e por todo contexto histórico e convívio local.

Desta maneira, foi selecionado o local descrito acima para ser alvo de estudo tomando como base, prioritariamente, o fator histórico de formação das comunidades.

Foram realizadas visitas preliminares para conhecimento do local (Figura 2) e contato com moradores. Posteriormente foram feitas expedições de campo para coleta de dados.



Figura 2 - Fotos a) a d) – Visita prévia à comunidade do Divino Espírito Santo, para reconhecimento da área de pesquisa.

Foram realizadas 13 expedições de campo ao Distrito de Vale Verde, dentre estas: 01 visita para o reconhecimento de área (visita in loco para saber a localização exata do distrito); 02 para conversa informal com moradores do local; 02 visitas para realização do mapeamento das comunidades existente no distrito do Vale Verde; 01 para reunião extraordinária com representantes de todas as comunidades para explicitar a pesquisa e pedir autorização aos moradores e; 07 expedições para aplicação de questionários aos interlocutores no período de abril/2018 a julho/2019.

O primeiro contato com moradores foi estabelecido a fim de saber um pouco sobre o distrito e quais comunidades o constituía, bem como, para pedir permissão de realização da pesquisa na comunidade do Divino Espírito Santo.

Durante essas expedições também foram feitas reuniões pontuais com todos os representantes das comunidades locais no centro administrativo do Vale Verde, a fim de assegurar o esclarecimento para os moradores sobre o projeto e seus objetivos, bem como, enfatizar a todos sobre a participação livre e voluntária na pesquisa (Figura 3).



Figura 3 - Fotos a) a b) – Reunião com moradores e representantes do Vale Verde no centro administrativo do distrito.

Para este momento de abordagem da pesquisadora com os moradores local, foi possível estabelecer um *rapport* com eles (ALBUQUERQUE et al., 2010). Trata-se da confiança e ligação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Em um contexto teórico, o *rapport* inclui atenção mútua e também cria laços de compreensão entre indivíduos (ALBUQUERQUE et al., 2010). Para este caso, entre o pesquisador e a comunidade.

Foram considerados como participantes da pesquisa os interlocutores, entrevistados ou especialista. Para Albuquerque et al. (2010), esta indicação é determinada através do quantitativo de plantas e informações citadas, bem como, o fator qualitativo, a relevância e o tipo de informação.

O distrito do Vale Verde é composto por seis comunidades rurais (Divino Espírito Santo, São Miguel, Bom Jesus, Nossa Senhora Aparecida, Santa Rita e São João) e seu processo de formação está relacionado com a colonização da América Portuguesa, sendo determinado por processos históricos, tradições e costumes em função dos movimentos migratórios para a região (SILVA, 2013).

Atualmente, representantes das comunidades locais mesclam-se aos novos habitantes devido ao crescimento da população, bem como, com a chegada de famílias de outras regiões e estados. Porém, diferenciam-se por possuírem a memória tanto dos aspectos físicos, como culturais da região no passado.

Para os moradores, eles entendem que o Vale Verde é um distrito rural tradicional pelo fato da sua caracterização espacial ser determinada pela sua cultura, costumes e grupos sociais que ainda mantém relacionamento com o passado. As comunidades procuram manter vivas as tradições culturais mais expressivas da região e valorizam seu ambiente social.

Em estudo realizado por Arruda (1999), em que retrata sobre as “Populações Tradicionais e Proteção dos Recursos Naturais em Unidades de Conservação”, entende-se que o que determina uma população ser tradicional ou não, é o modelo biorregional que a comunidade adota, fugindo de grandes núcleos para espaços menos povoados, com abundância de recursos naturais, possibilitando assim, a sobrevivência e reprodução de um modelo cultural, bem como, especificidades históricas e ambiental da comunidade.

Vivan (2006) defende a população tradicional como “formas de organização social onde ainda prevalece uma organização social e econômica baseada nos laços de parentesco”, também “aquelas que têm um histórico cultural de interações com determinado contexto regional e ecológico, e que desenvolveram no processo regulamentações de acesso e gerenciamento de recursos” e ainda “que esses sistemas de propriedades e controle se dão numa perspectiva de uma organização econômica onde o autoconsumo é a peça central da estratégia”. O autor ainda considera que essa definição adota a noção de que o saber ecológico e a organização sociocultural e econômica se expressam como um conjunto lógico.

No Vale Verde, as organizações comunitárias ocorrem através de formação de grupos que se reúnem em um único ambiente, geralmente no centro administrativo do distrito, em busca de melhorias e visibilidade local de forma a manter suas origens. Assim, desenvolvem-se práticas coletivas e de organização comum e que são consideradas tradicionais entre eles.

Uma das atividades culturais que caracteriza fortemente o distrito é a festa do Divino Espírito Santo, tradicionalmente católica e bem representada. Os moradores que promovem a festa mantêm os ritos tradicionais e iniciam a preparação meses antes do evento ser realizado. A abertura da festa acontece com um cortejo passando pelas casas mostrando a imagem do Santo São Sebastião, e as pessoas que estão envolvidas cantam e dançam para aquelas que assistem pelas janelas e portas de casas. É nesta oportunidade que os parentes, amigos, vizinhos e visitantes se reúnem num mesmo local para contemplar e festejar o momento resgatando as vivências passadas. O final do cortejo é a parada na frente da Igreja do Divino Espírito Santo com a elevação de um mastro com uma bandeira simbolizando o santo festejado - São Sebastião.

Mesmo mesclando-se à realidade urbana, os descendentes que habitam o distrito de Vale Verde dão continuidade aos traços culturais das antigas gerações. E embora a comunidade rural tenha sofrido transformações em meio à nova realidade, as práticas e vivências diárias dos moradores ainda tendem a continuar seguindo esses padrões.

De acordo com Silva (2013) na década de 1970, o distrito de Vale Verde foi tombado como patrimônio histórico e, na década de 1990, obras do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN restauraram o centro histórico de Vale Verde, que abriga a Igreja do Divino Espírito Santo e a Praça do Divino do Espírito Santo, onde são realizadas diversas atividades locais.

4.2.2 Critérios de Inclusão e Exclusão para Participantes

Os critérios de inclusão de interlocutores para participação na pesquisa foram:

- Ser morador do Distrito do Vale Verde;
- Residir na Comunidade do Divino Espírito Santo;
- Possuir acima de 18 anos de idade;
- Ter capacidade de responder presencialmente o questionário;
- Concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no período de aplicação da pesquisa.

Os critérios de exclusão dos entrevistados foram:

- Não ser morador do Distrito do Vale Verde;
- Possuir abaixo de 18 anos de idade.

4.2.3 Mapeamento do Vale Verde

No primeiro contato da pesquisadora com o distrito para a realização das visitas e reconhecimento da área, pediu-se permissão para que fosse realizado um passeio pelo distrito a fim de se conhecer todas as comunidades do local. As lideranças relataram o desejo que tinham em se ter um mapa com as coordenadas das comunidades para facilitar o planejamento de ações e a comunicação do acesso mais fácil. Desta forma, foi necessário mais de uma expedição de campo para chegar à essas comunidades e mapeá-las (Figura 4).



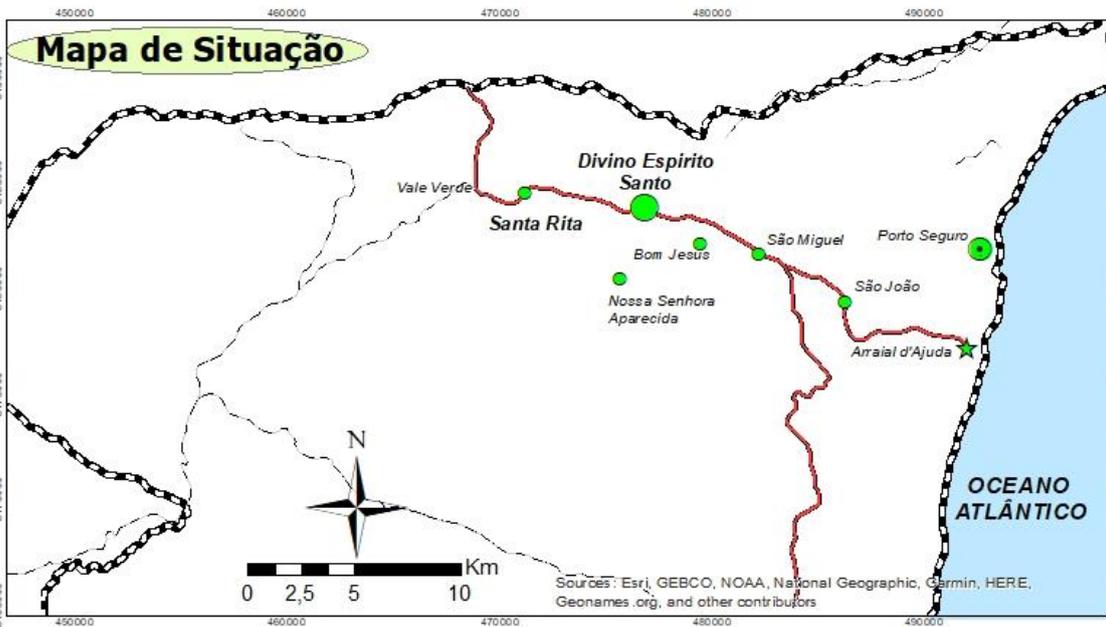
Figura 4 - Fotos a) a d) – Mapeamento e reconhecimento das comunidades pertencentes ao distrito de Vale Verde.

O mapeamento consistiu no reconhecimento e identificação das áreas e, com o auxílio de um GPS Etrex 30, pegou-se a coordenada de cada comunidade no intuito de elaborar um mapa com a localização espacial de cada uma delas no distrito. A elaboração deste mapa foi considerado um dos anseios que a comunidade tinha, visto que, o centro administrativo do Vale Verde carecia de um material que pudesse ser visível a identificação das comunidades e do distrito inserido na região.

O mapa de situação foi elaborado através do programa ArcGIS 10.3, contemplando a localização do Município de Porto Seguro, ao qual o distrito de Vale Verde faz parte; a localização das comunidades pertencentes ao distrito; as principais rodovias de acesso e; destaque para a comunidade alvo desta pesquisa (Figura 5).

O mapa foi impresso em papel tamanho A2 e entregue ao representante do Vale Verde para conhecimento e disponibilidade em prol das comunidades.

Comunidades Rurais do Distrito de Vale Verde (Alvo de Pesquisa)



Convenções Cartográficas:

- Comunidade Rural do Distrito de Vale Verde (Alvo de Pesquisa)
- Comunidades Rurais do Distrito de Vale Verde
- ★ Distritos municipal
- Sede municipal de Porto Seguro
- Limite Municipal
- Oceano
- Rodovia Estadual
- Estrada Vicinal



Sistema de Referência: SIRGAS 2010

Produção: PASSOS, L.G.

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010); IGE - Superintendência de Estatística Econômica e Social da Bahia (2010); Yandex

Figura 5 - Mapa de localização das comunidades pertencentes ao distrito de Vale Verde, Bahia.

4.2.4 Observação Participante

A observação participante, por meio do convívio e participação em diversas atividades na comunidade, permitiu à pesquisadora um maior contato e uma melhor inserção no cotidiano da população alvo de estudo. Nesta etapa, a aquisição de informações só foi possível através da memorização, lembranças e eventos que foram vistos e ouvidos, para posterior registro no diário de campo. Muitos dados coletados foram qualitativos, sendo apropriado para os primeiros contatos com a comunidade.

Simultaneamente à essa vivência, foi possível elaborar um diário de campo, uma ferramenta utilizada para registrar todas as observações, sensações, reflexões pela pesquisadora. O objetivo da observação foi complementar e qualificar informações para a pesquisa e obtenção de dados relevantes da comunidade.

4.2.5 Entrevistas e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Conforme identificação dos entrevistados para participação na pesquisa e aqueles que demonstraram interesses, estes foram passíveis de participação no estudo, assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme apresentado no Apêndice 1 e Apêndice 2 deste documento. Este Termo está estabelecido na Resolução CNS Nº 466/2012, sendo adaptado seguindo o modelo do Termo estabelecido pelo CEP da Universidade Federal do Sul da Bahia.

A determinação final de quantas pessoas entraram no projeto dependeu exclusivamente do método “bola de neve”, onde os participantes da pesquisa citam outros participantes/interlocutores até que se esgotem as possibilidades de novos participantes serem citados (ALBUQUERQUE et al., 2010).

A amostragem é do tipo intencional, uma vez que, o objetivo da pesquisa foi entrevistar apenas pessoas da comunidade Divino Espírito Santo que conheçam e/ou utilizam as plantas da região. De acordo com Tongco (2007), esta amostragem trata-se de um método não probabilístico de escolha de entrevistados de acordo com as qualidades que possuem para responder às questões específicas da pesquisa.

As entrevistas informais foram feitas sempre que surgiam conversas com representantes de igrejas, lideranças ou moradores local (Figura 6). É uma técnica

que, embora a confiabilidade das respostas concedidas na pesquisa seja avaliada pelo pesquisador, esta metodologia visa minimizar a probabilidade de erros ao se analisar formalmente uma comunidade por meio de uma metodologia informal, como é o caso das entrevistas ou diálogos participativos.



Figura 6 - Fotos a) a d) – Conversa informal com o Sr. Romenil (a-c), representante e nativo do Vale Verde, e Sr.Guma e Sr. Pedro, moradores locais (d).

Além da realização de entrevistas informais, para esta pesquisa também foi utilizada entrevistas semiestruturadas, conforme roteiro pré-estabelecido no Apêndice 3.

A obtenção das informações etnobotânicas foi possível através da aplicação de entrevistas semiestruturadas. Os interlocutores foram esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa, e somente após o consentimento verbal e assinatura do TCLE pelo entrevistado, o formulário foi aplicado.

Aplicou-se aos interlocutores entrevistas semiestruturadas contendo perguntas abertas e fechadas, em que foram abordadas, principalmente questões sobre o conhecimento sobre as plantas da região (Figura 7).



Figura 7 - Fotos a) a e) – Entrevistados com participação voluntária na pesquisa. Fotos autorizadas para divulgação no estudo.

Os interlocutores foram questionados sobre as plantas conhecidas e o uso que se faz delas na região, de modo a se obter um detalhado levantamento etnobotânico das espécies reconhecidas como úteis e/ou utilizadas por moradores da localidade.

As informações foram sintetizadas segundo o nome popular da planta, o local de aquisição, parte usada, modo de preparo e categorias de usos. Outros dados essenciais também foram solicitados sempre que possível, como por exemplo, os socioculturais dos interlocutores, tais como: sexo (gênero), escolaridade, idade e origem.

4.2.6 Turnê Guiada

As coletas das plantas que foram citadas pelos entrevistados ocorreram através de turnês guiadas. Este método é utilizado apenas com o auxílio e direcionamento de um guia local, consistindo em fundamentar ou validar os nomes das plantas citadas durante as entrevistas.

Sempre que possível, foram coletados exemplares de plantas que foram citadas pelos entrevistados para classificação taxonômica, sendo esta, feita a priori com o auxílio da literatura, e posteriormente submetidas à análise e confirmação de identificação por um especialista em botânica.

Os materiais que foram coletados passaram pelo procedimento de prensagem no local (Figura 8), descrevendo informações sobre a planta, devidamente identificada de acordo com o número sequencial da entrevista, segundo Fidalgo & Bononi (1989).

Para identificação, recorreu-se às publicações científicas cautelosamente e através de análise comparativa das fotos, de maneira que os dados fossem minimizados quanto à diferença de identificação quando correlacionados com a nomenclatura popular mencionada de acordo com a região de ocorrência.

Realizou-se técnicas específicas e usuais de herborização, sendo que os materiais foram depositados no Herbário Prof. Geraldo C. P. Pinto (GCPP) da UFSB. Todos os procedimentos usuais e cabíveis relacionados à herborização e identificação do material botânico foram realizados com auxílio de um especialista em botânica para devida identificação, não descartando o auxílio da literatura.





Figura 8 - Fotos a) a f) – Coleta do material para prensagem e posterior identificação.

4.3 Análise dos dados

4.3.1 Estatística Descritiva

Primeiramente, foi criado um banco de dados com as informações obtidas nos questionários. Para a análise destas informações, utilizou-se o programa Microsoft Office Excel® 2007, sendo realizada a estatística descritiva a partir da codificação por tabulação simples, distribuição de porcentagens, tabelas e figuras.

Procede-se, após a coleta de dados, com a categorização e análise minuciosa das informações que foram obtidas através das espécies citadas. Em seguida, as informações foram complementadas através de uma busca em publicações e literaturas.

Os dados socioeconômicos foram organizados contemplando tabelas e gráficos com informações tais quais: sexo (gênero), idade, escolaridade. Em se tratando dos dados do estudo etnobotânico, as informações foram tabuladas de acordo com a descrição dos nomes populares, nomes científicos, família, parte utilizada, forma de obtenção, forma de preparo, valor de uso e origem.

Os dados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. Foram adotadas as metodologias de Amora (1996); Neves (2003) e Mühlbach (2004), a análise qualitativa foi obtida através das entrevistas, observação participante, turnê guiada e bibliografias, de forma a se discutir os aspectos locais da relação do homem com a vegetação da Mata Atlântica (ALBUQUERQUE et al., 2010).

A metodologia quantitativa quando se trata da etnobotânica, de acordo com Begossi (1996), permite avaliar as diferenças e semelhanças do conhecimento tradicional entre entrevistados. Esta análise tenta verificar o grau de conhecimento e

importância que certas plantas têm pela frequência e consistência de seu uso entre diferentes pessoas e/ou comunidades.

4.3.2 Índice do Valor de Uso

O valor de uso da planta propõe que a utilidade dela (por exemplo, para medicamentos, alimentos, construção, tecnologia ou comércio) em uma determinada comunidade está diretamente relacionada à sua família botânica, à vida, forma, abundância local (densidade) e / ou tamanho (PHILLIPS & GENTRY, 1993a).

Para os autores, as avaliações quantitativas interpretam dados através do cálculo de valor de usos das espécies, não necessitando repetição de entrevistas. Para obter o cálculo do valor de uso foi utilizado a seguinte fórmula:

$$VU = \Sigma U / n$$

Onde:

VU = é o valor de uso para espécie

U = é o número de usos mencionados por cada interlocutor para a espécies.

n= nº total de interlocutores

De acordo com Phillips & Gentry (1993b), este índice ajuda a explicar o fato de que as pessoas geralmente selecionam plantas para uso com base em várias características ao mesmo tempo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.2 As pessoas e a Comunidade Divino Espírito Santo

A idade dos interlocutores não abrangeu uma ampla faixa etária para ambos os sexos entrevistados, sendo assim, variando apenas de 64 a 82 anos de idade. A faixa etária mínima de 64 anos correspondeu ao gênero masculino e; 82 anos ao gênero feminino (Gráfico 1). Nenhum dos entrevistados declarou ser transexual ou homossexual. Todos os entrevistados são nativos do Vale Verde e afirmam fazer uso de plantas em sua vida cotidiana.

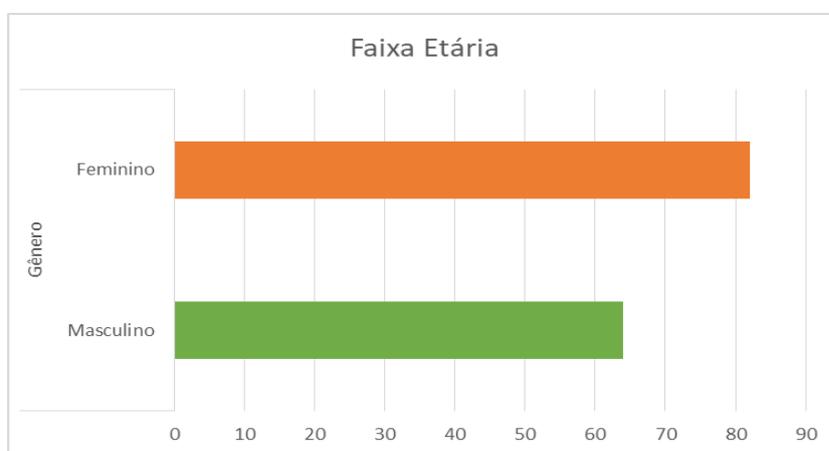


Gráfico 1 - Idade dos interlocutores de acordo com o gênero.

Dos 07 entrevistados, apenas 03 representavam o gênero masculino (43%) e os outros quatro, o gênero Feminino (57%), conforme apresentado no Gráfico 2. Essa predominância do sexo feminino pode ser ponderada pelo fato de que, o cultivo de plantas são práticas realizadas prioritariamente por mulheres. Desde a antiguidade, enquanto os homens iam caçar, pescar e mexer com atividades extrativistas, as mulheres lidavam com o cultivo e conhecimento das plantas, muitas das vezes utilizadas até para a alimentação da família (AMOROZO & GÉLY, 1988).

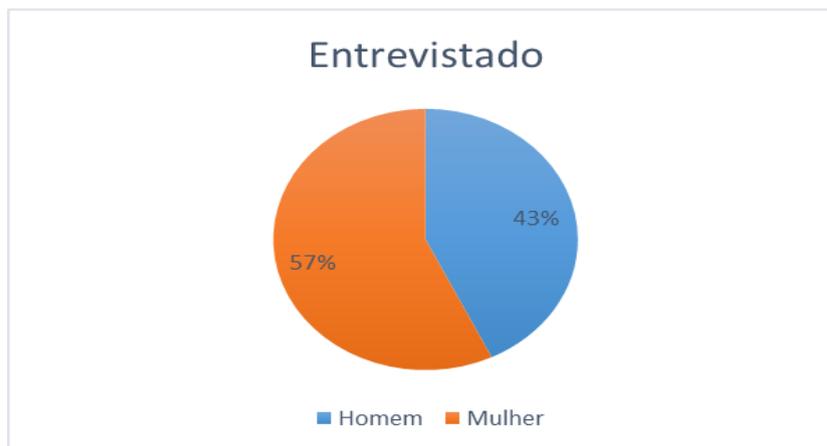


Gráfico 2 - Distribuição dos indivíduos participantes por gênero.

Em relação ao nível de escolaridade dos interlocutores (Gráfico 3), observa-se que a porcentagem difere-se entre os entrevistados. 01 interlocutor (que corresponde a 14,28% dos entrevistados) possui ensino fundamental completo; 03 interlocutores possuem ensino fundamental incompleto, correspondendo à 42,8% dos entrevistados; 01 interlocutor possui ensino médio incompleto (que corresponde a 14,28% dos entrevistados) e; 02 interlocutores possuem ensino médio completo, correspondendo à 28,57% dos entrevistados. A baixa escolaridade pode estar relacionada às características socioeconômicas, como por exemplo: baixa renda.

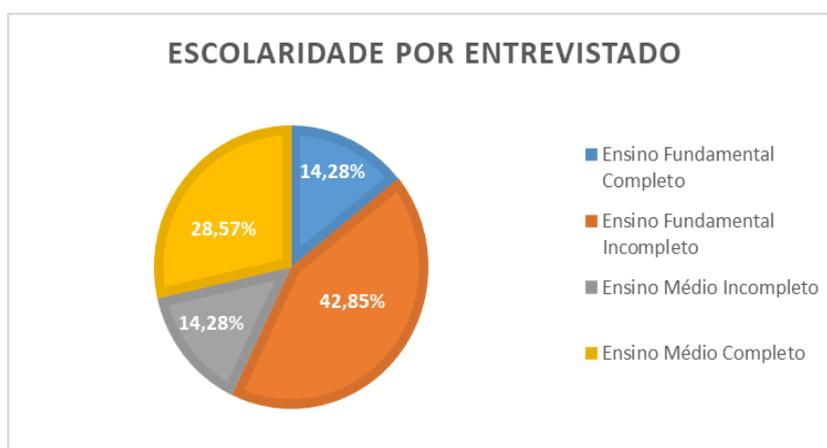


Gráfico 3 - Nível de escolaridade dos indivíduos participantes do estudo.

A comunidade Divino Espírito Santo (04° 76' 85" S e 81° 38' 54" W) possui aproximadamente 2.000 pessoas, sendo constituída basicamente por agricultores familiares que vivem de cultivos de subsistência ou aposentadorias. É a comunidade mais próxima da rodovia estadual BA 001, que passa pelo distrito e conta com uma sede social, uma escola de ensino fundamental, um posto de saúde do Sistema Único de Saúde, um posto policial, um posto de combustível, mercearia,

mercadinho, restaurante e bares. A escola que existe é apenas para o primeiro grau, enquanto as séries seguintes são cursadas na sede do município de Porto Seguro e entorno. O acesso ao posto de saúde é fácil, porém, de acordo com moradores, cerca de 30% deles não são contemplados pelo Sistema Único de Saúde - SUS.

Para completar a renda, algumas famílias produzem biscoitos, beijus de tapioca, cachaças em alambiques ou, criam animais como gado, galinhas e porcos em unidades afastadas de suas casas, enquanto outros utilizam os quintais.

O artesanato se restringe à confecção de esteiras, bolsas, luminárias, caixinhas para joias e; cardápios para restaurantes. As peças são elaboradas e produzidas com folhas secas de bananeira, amendoeira, coco, casca de cebola e alho e; folha de bambu (Figura 9).

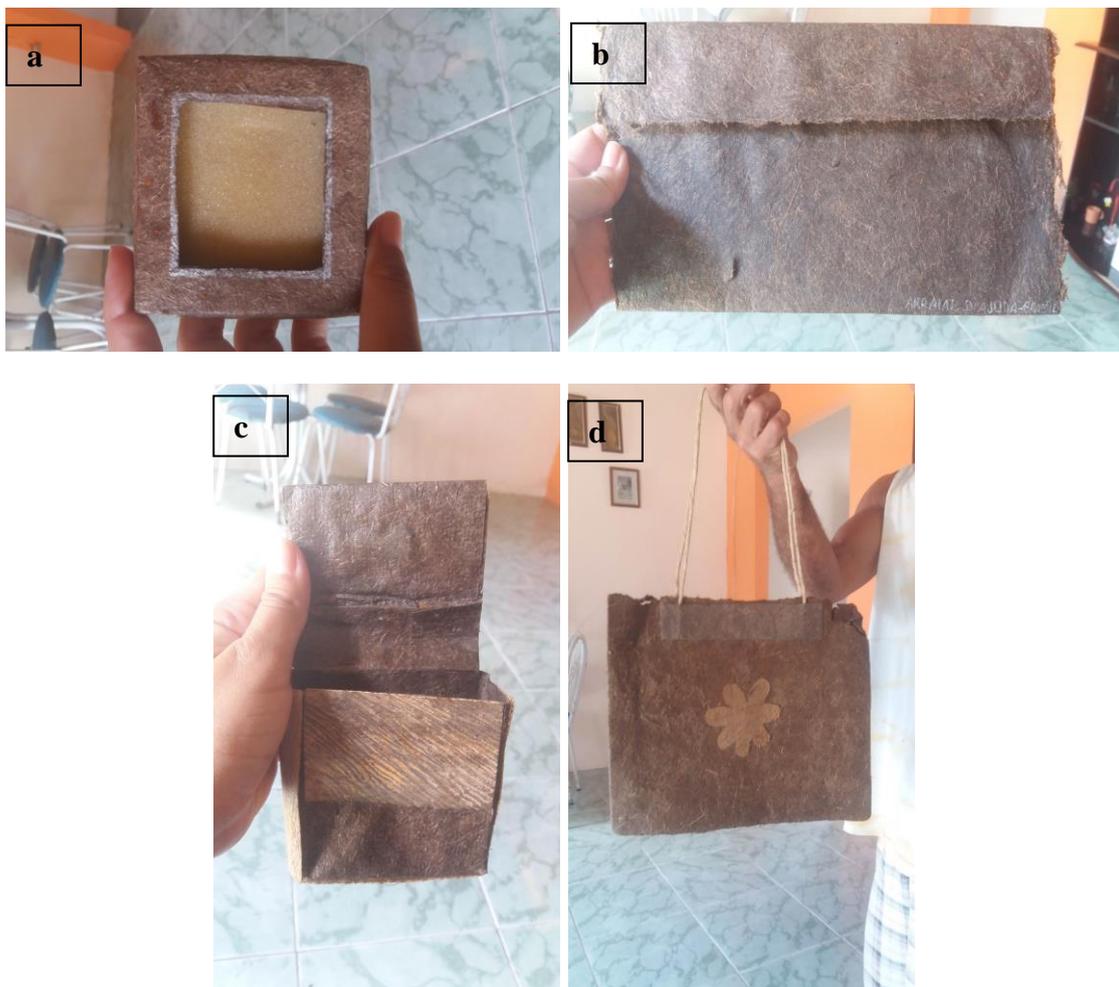


Figura 9 - Fotos a) a d) – Artesanatos produzidos por moradores da comunidade Divino Espírito Santo.

Na comunidade há presença de manifestações religiosas de origem católica, matriz afro-brasileira e evangélica. A principal festividade é a “Festa do Divino”, realizada, geralmente, no dia 28 de setembro. Esta festa é envolvida por cânticos e danças, e os participantes vivenciam momentos lúdicos e de devoção aos seus santos. Aqueles que não compartilham da mesma fé católica usufruem da festa de outras maneiras, especialmente comercializando algum produto.

As principais doenças listadas pelas lideranças locais foram: problemas gastrointestinais, infecções, cefaleia, diabetes e pressão alta. Muitas pessoas quando não fazem uso de remédios alopáticos, utilizam as plantas para curar suas doenças, ou associam as duas práticas médicas.

Várias pessoas da comunidade ainda mantêm algumas práticas tradicionais de manejo dos recursos naturais e selecionam as espécies partindo de um conhecimento mais antigo. Todos os interlocutores afirmam ter aprendido com as gerações passadas (mãe, tios, avós) e que, as gerações mais novas não demonstram interesse em aprender sobre essas práticas sendo que o maior motivo é a falta de reconhecimento da importância dos recursos vegetais para o dia-a-dia. Geralmente, quando os jovens necessitam desses conhecimentos, recorrem às pessoas mais velhas da comunidade.

5.3 As pessoas, as plantas e a Comunidade Divino Espírito Santo

Neste estudo, considerando os dados das entrevistas e das turnês guiadas, 80 espécies foram citadas pelos interlocutores. A Tabela 1 apresenta a relação das espécies citadas em ordem alfabética por nomes populares, bem como: nomes científicos, família, local onde a espécie é encontrada, forma de utilização, parte usada, forma de uso, valor de uso, o número de citações e origem.

Foram identificadas 44 famílias botânicas. As três famílias mais representativas foram as *Lamiaceae*, com sete espécies registradas através de citações por entrevistados; seguido das *Asteraceae*, com seis citações de espécies para esta família e; em terceiro lugar, as *Leguminosae*, com cinco citações de espécies (Gráfico 4).

As famílias das *Euphorbiaceae*, *Mavaceae* e *Myrtaceae* tiveram três espécies registradas. As *Anacardiaceae*, *Apiaceae*, *Apocynaceae*, *Araceae*, *Commelinaceae*,

Melastomataceae, *Moraceae*, *Phytolaccaceae*, *Piperaceae*, *Plantaginaceae*, *Poaceae*, *Solanaceae*, *Urticaceae* e as espécies que não foram determinadas tiveram dois registros de espécies.

Vinte e quatro famílias foram registradas apenas uma vez, sendo estas: *Adoxaceae*, *Asphodelaceae*, *Bignoniaceae*, *Boraginaceae*, *Cactaceae*, *Caryocaraceae*, *Chenopodiaceae*, *Clusiaceae*, *Crassulaceae*, *Cucurbitaceae*, *Heliconiaceae*, *Hydrangeaceae*, *Lauraceae*, *Liliaceae*, *Lythraceae*, *Malpighiaceae*, *Musaceae*, *Nyctaginaceae*, *Rosaceae*, *Rubiaceae*, *Rutaceae*, *Sapindaceae*, *Verbenaceae* e *Zingiberaceae*.

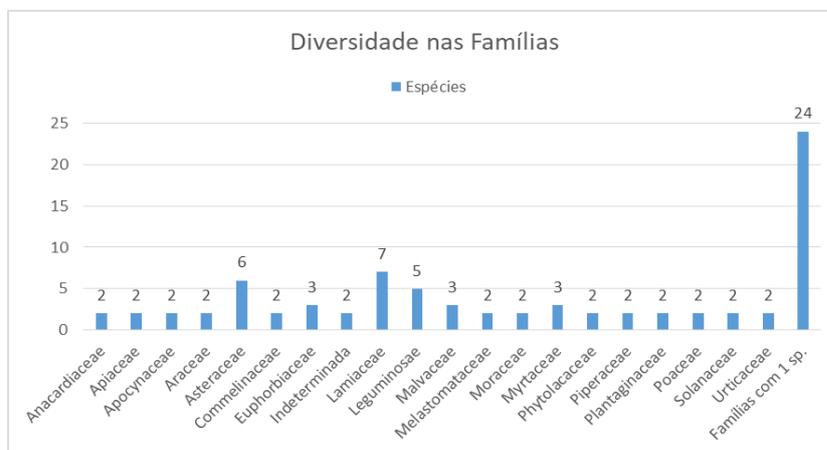


Gráfico 4 – Nº de registros de famílias por citações de espécies pelos entrevistados.

As famílias com maior representatividade foram: *Lamiaceae*, *Asteraceae*, *Leguminosae*, *Euphorbiaceae*, *Malvaceae* e *Myrtaceae*. Resultado bem próximo foi encontrado por Franco & Barros (2006) ao pesquisar o uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola do Piauí, na área de transição entre cerrado e floresta decidual mista (Mata de Babaçu), onde foram identificadas 85 espécies.

Phillips e Gentry (1993b) encontraram a família como uma forte determinante do valor de uso da planta. Moerman (1991) explica que espécies da mesma família, devido à sua relação evolutiva, compartilhem algumas características da defesa das plantas, herdadas de ancestrais, que influenciam sua fisiologia e eficácia como medicamentos. Certas famílias de plantas têm compostos químicos mais úteis ou eficazes como medicamentos (por exemplo, *Asteraceae*), enquanto outras famílias

são muito menos úteis como medicamentos (por exemplo, *Poaceae*) porque muitas vezes dependem de repropagação e defesas clínicas em vez de defesas químicas.

À partir dos dados das entrevistas, as plantas foram agrupadas nas seguintes categorias em relação à forma de uso: medicinal (fins terapêuticos), ornamental (plantas utilizadas na ornamentação de casas, igrejas e outros usos), alimentício (plantas utilizadas na alimentação humana), construção/madeireiro (construção de embarcações e outras finalidades), uso doméstico, repelente de inseto/inseticida, comercial (venda da matéria prima ou outros), e cosmético (usado como produto de beleza, uso místico ou religioso (tirar mau olhado, incenso, etc.).

Analisando as categorias de uso e partindo do princípio que mais de uma categoria pode ser citada por espécie, foi possível verificar que, das espécies que foram levantadas, 58 citações foram para as plantas com categoria de uso medicinal, representando um total de 48%; 32 citações para o uso alimentício, representando um total de 26%; 12 citações de plantas para uso ornamental, representando 10%. As citações para as categorias de uso místico, quanto para cosméticos, repelente de inseto/inseticida, uso comercial, e para construção/madeireiro representaram cada uma, 3% do total de citação. A categoria de uso doméstico teve apenas uma citação e representou 1% do total (Gráfico 5).

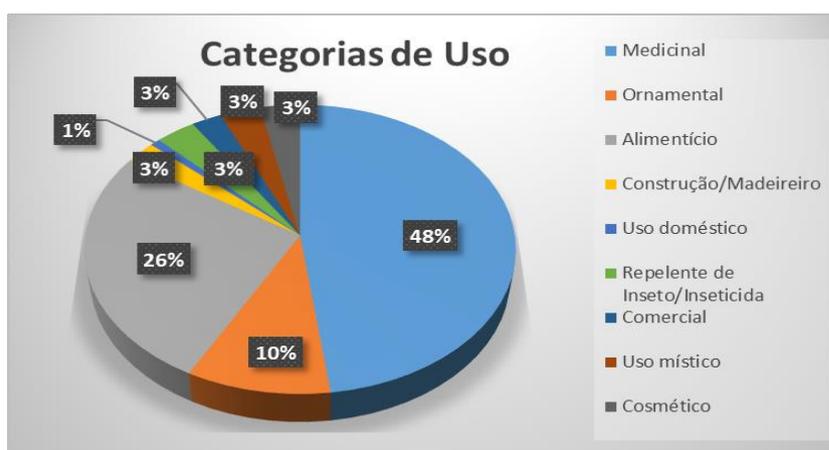


Gráfico 5 – Categorias de Uso das espécies vegetais citadas por entrevistados da Comunidade Divino Espírito Santo.

As categorias de uso mais citadas foram: medicinal e alimentício. No geral, a maioria das espécies possui de uma a cinco categorias de uso.

A maioria das plantas da família das *Lamiaceae* que foram citadas, servem para uso medicinal, seguido do uso alimentício. Apenas a alfavaca (*Ocimum basilicum*) e a alfazema (*Lavandula officinalis*) servem, respectivamente, para uso alimentício e para uso ornamental e doméstico.

Em estudo de “hipótese de disponibilidade” na etnobotânica (Albuquerque 2006 e Voeks, 2004), afirmam que as plantas são utilizadas mais para fins medicinais por que são mais acessíveis ou localmente abundantes. Essa hipótese nasceu, em parte, de estudos que revelam a importância da antropogênese em *habitats* ou áreas perturbadas. Ao analisar os resultados obtidos por essa pesquisa em que a categoria de uso mais citada por entrevistados foi a medicinal, é possível concordar com a afirmação dos autores de forma que enriquece a hipótese do valor de uso proposta inicialmente por Phillips & Gentry (1993a,b).

Na categoria alimentação, segunda mais citada, o principal uso relatado na seleção de espécies foi para alimentos ocasionais, ou seja, aqueles que complementam a alimentação, mas não configuram-se entre as principais fontes energéticas na dieta da população.

O valor de uso da planta propõe que a sua utilidade (por exemplo, para medicamentos, alimentos, construção, tecnologia ou comércio) em uma determinada comunidade está diretamente relacionada à sua família botânica, sua forma de vida, abundância local (densidade) e / ou tamanho máximo (Phillips e Gentry 1993 a, b). Isso ajudaria a explicar o fato que as pessoas geralmente selecionam plantas para uso com base em várias características ao mesmo tempo.

O que revelou o valor de uso das espécies foi o quantitativo de citações para atribuição de uso. A espécie que obteve maior valor de uso (VU) foi a alfazema (*Lavandula officinalis*), citada oito vezes, possuindo VU = 1,1428.

O boldo (*Plectranthus barbatus*) teve seu valor de uso atribuído à seis citações (VU= 0,8571) e apenas uma categoria, sendo citada para uso medicinal na cura de dores abdominais, dores no estômago, problemas no fígado, na cura da ressaca, na melhoria para quem possui colesterol alto e; decorrências de AVC. Assim como o boldo (*Plectranthus barbatus*), o Coentro Maranhão (*Eryngium foetidum*) também

possuiu 6 valores de uso (VU=0,8571) em duas categorias de uso listadas: medicinal (para dores no corpo, impingem, AVC e frieira) e alimentício (tempero para comida).

A alfavaca (*Ocimum basilicum*), a erva cidreira (*Melissa officinalis*), o hortelã graúdo (*Plectranthus amboinicus*), o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) e a roseira branca (*Rosa alba*) tiveram seus valores de usos atribuídos à quatro citações (VU=0,5714), conforme Gráfico 6.

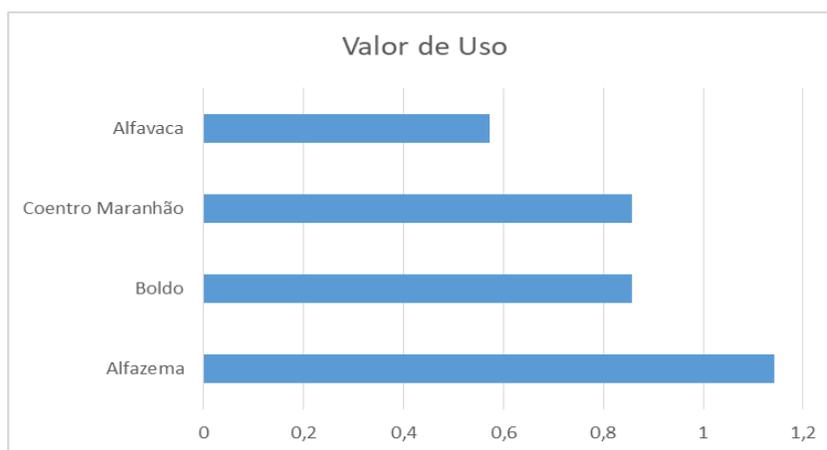


Gráfico 6 - Valor de Uso das espécies vegetais mais citadas nesta pesquisa.

Outras treze, do total de 80 espécies citadas no estudo, possuíram valor de uso referente à três citações totais (VU=0,4284). Dessas treze espécies, apenas uma pertence à família das *Asteraceas*.

Trinta e sete espécies tiveram valor de uso atribuído a duas citações dentre os entrevistados (VU=0,2857). Dessas espécies, a família que teve maior representatividade foi a *Leguminosae* (3 citações de espécies), *Apocynaceas* (2 citações de espécies), *Araceae* (2 citações de espécies), *Lamiaceae* (2 citações de espécies) e *Plantaginaceae* (2 citações de espécies). Vinte e cinco famílias tiveram apenas uma citação de espécie para duas citações ao seu valor de uso. As vinte e uma espécies restantes, tiveram seu valor de uso atribuído a apenas uma citação (VU= 0,1428).

A alfazema, espécie que possuiu um maior quantitativo de valor de uso de espécie atribuído por interlocutores dentre as outras 43 levantadas, também foi a espécie que apresentou maior atribuição quanto à sua categoria de uso. Dentre as nove apresentadas neste estudo, foi atribuído a um total de quatro categorias, a saber:

ornamental, medicinal, uso místico, além de ser a única espécie citada na categoria de uso doméstico.

Neste levantamento, a maioria das citações apontam a preparação em forma de chá. Os relatos para “chá”, incluem a utilização das plantas tanto para infusão, quanto para a decocção. A infusão é o preparo do chá em que a água quente é jogada sobre as partes utilizadas das plantas e em seguida, cobre o recipiente e espera descansar de 5 a 15 minutos. O preparo por decocção é a fervura da planta juntamente com a água, deixando ferver por aproximadamente 10 a 15 minutos. Este preparo é indicado quando a utilização das partes da planta são mais duras, como por exemplo, caule, raízes e cascas.

Quanto à origem das plantas, foram classificadas em nativas do Brasil e exóticas. As exóticas somam 60% e as nativas 40%, conforme apresentado no Gráfico 7.

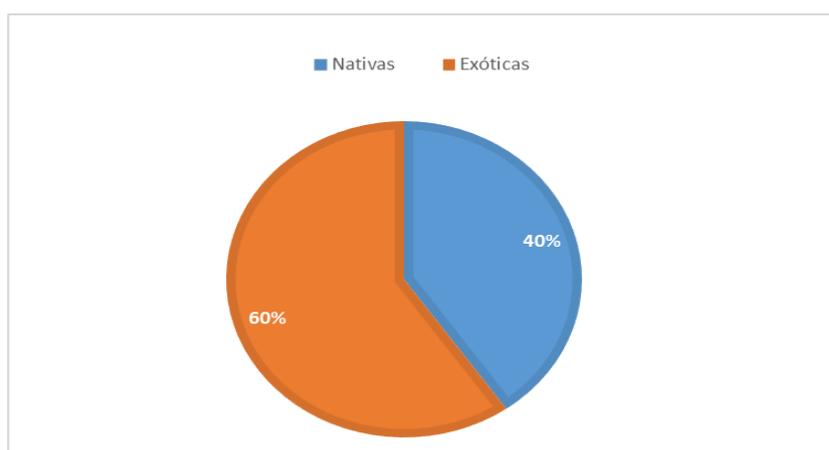


Gráfico 7 – Origem das plantas listadas por moradores da comunidade Divino Espírito Santo.

Na comunidade Divino Espírito Santo muitas plantas exóticas são cultivadas, sobretudo as espécies de uso medicinal.

Dentre as plantas exóticas, a alfazema (*Lavandula officinalis*), a babosa (*Aloe arborescens*), o artimijo (*Tanacetum parthenium*), a erva cidreira (*Melissa officinalis*), a alfavaca (*Ocimum basilicum*), o hortelã graúdo (*Plectranthus amboinicus*), o boldo (*Plectranthus barbatus*), a roseira branca (*Rosa alba*), e a arruda (*Ruta graveolens*) foram as espécies que possuíram maiores valores de uso atribuído à sua origem. Destas espécies, apenas o hortelã graúdo e o boldo são utilizadas em apenas uma categoria (medicinal).

A manga, mesmo sendo originária do sul da Ásia (DONADIO & FERREIRA 2002), tornou-se um alimento que já faz parte do cardápio brasileiro. Sendo uma das espécies citadas no presente estudo, sua categoria é para uso alimentício e medicinal. Destaca-se seu uso, de acordo com interlocutores, para regular o funcionamento do intestino e utilizado para fazer sucos, bem como consumir o fruto *in natura*.

As plantas nativas que foram indicadas com maiores valores de uso foram: o coentro maranhão (*Eryngium foetidum*), a arnica (*Lychnophora ericoides*), o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*), bacupari (*Garcinia brasiliensis*), e a pitanga (*Eugenia uniflora*), possuindo acima de três indicações de uso.

O cacau também foi indicado por entrevistados. É uma planta nativa da região amazônica e muito utilizado na alimentação familiar, bem como, para uso medicinal. Em suas citações, 33% dos entrevistados afirmam que o fruto serve para regular a pressão sanguínea, e algumas das formas de preparo é o consumo *in natura* das sementes, preparo de sucos ou colocar as sementes recém tiradas do fruto dentro da cachaça.

Segundo Posey (1986), entre outros (Albuquerque, 2005; Prance 1987) para uma pesquisa de qualidade em etnobotânica, além de informações referentes aos usos de plantas é importante o registro de como são feitos esses usos e quais as partes dos vegetais utilizados.

Nesta pesquisa, a parte do vegetal que teve maior significância quanto à categoria de uso foi a folha (52%), sendo utilizada na sua maioria, na medicina caseira. A utilização de folhas na preparação de remédios caseiros tem sido frequentemente citada em levantamentos (Pinto *et al.* 2006; Cassino 2010; Giraldi e Hanazaki 2010).

Uma outra atribuição ao uso das folhas foi no preparo de comidas, servindo para temperar carnes, legumes ou moquecas. As espécies que a comunidade selecionou para o uso das folhas no preparo de comidas foram: a alfavaca, o coentro maranhão, hortelã gráudo, quioiô e a salsa. A maior dificuldade encontrada, junto a cada interlocutor, foi quanto à padronização das indicações da quantidade de planta no preparo dos medicamentos.

O fruto foi a segunda maior parte em porcentagem de utilização da comunidade, representando 17% na pesquisa. Geralmente é atribuído ao consumo *in natura* ou através do preparo de sucos. Algumas espécies como o abacate, a acerola, andu, bacupari, banana, cupuaçu, goiaba, groselha, jabuticaba, jenipapo, manga, pitanga, pitomba e romã foram citadas para essa categoria de uso. A semente (9%), foi utilizada no preparo de chás e bijuterias; a raiz (6%) da capeba, do manacá, pega pinto, tiriiriqui fedegoso teve atribuição à utilização em cachaças e preparo de chás.

A terceira maior parte de uso das plantas foi a semente (9%), seguido da raiz (6%), casca (5%), tronco (3%), planta inteira (3%), Exsudação da planta (2%), galhos (2%) e pétalas (1%), conforme demonstrado no Gráfico 8.

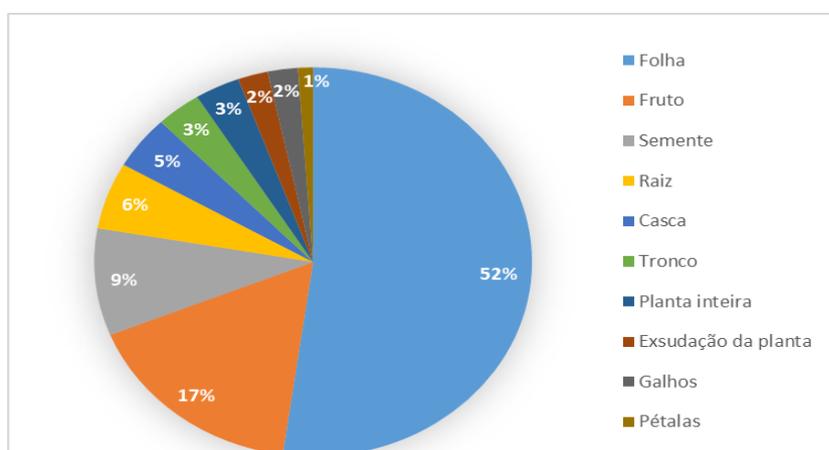


Gráfico 8 – Partes das plantas utilizadas.

A embaúba é selecionada por moradores para obtenção da casca a ser utilizada no preparo de chás para doenças como febre e diabetes. Já a janaúba, a casca serve para o preparo de chás em doenças reumáticas e câncer. O tronco da Copaíba serve para extrair o óleo para curar infecção no útero (três gotas do óleo pode ser misturado em alguma bebida e ingerido uma vez ao dia). Os homens selecionam a espécie Guapuruvú ou “Tronco de fazer canoa”, para utilização da construção de canoas. O grau de dureza e o tronco espesso são fatores determinantes para a seleção dessa espécie.

A planta inteira (3%) se restringiu à categoria de ornamentação e comercialização, como por exemplo, a Alpínia, o Artimijo, o Bambuzinho, Comigo ninguém pode, Coroa de rei, Gameleira, Helicônia e Hortênsia, muito utilizada em decoração de igrejas, casas e arrumação de festas. A comunidade seleciona espécies ornamentais

devido ao interesse econômico, uma vez que estas podem ser comercializadas e gerar lucro. As espécies dessas categorias chamam a atenção por suas flores coloridas e vistosas, e são preservadas nos terrenos ou coletadas e replantadas nos quintais.

Os galhos (2%) foram limitados quanto ao uso no preparo de chás. Para curar dores de cabeça, dores no estômago ou tosse, utiliza-se a alfazema. O galho da corana é utilizado para maceração, servindo posteriormente como repelente de inseto.

Dentre as espécies citadas nas entrevistas, poucas são manejadas diretamente na mata como ocorria décadas atrás, segundo relatos de moradores. Como as espécies não estão sendo encontradas em abundância devido ao alto índice de desmatamento, os fragmentos existentes se fazem presentes na sua maioria, em propriedades particulares e o acesso está ficando cada vez mais restrito. Com isso, a ausência/carência de manejo sobre vegetação está intimamente relacionado à perda de *habitats* e forte influência do turismo na região, acarretando também, na diminuição da renda atribuída aos recursos vegetais.

Em estudo, Chagas *et al* (2014) dizem que é essencial entender a importância e aspectos econômicos, religiosos, culturais e históricos de espécies para a comunidade, pois há chances destas questões apresentarem modelos de uso sustentáveis da biodiversidade e dos recursos naturais.

Segundo Carniello *et al.* (2010) o número de espécies cultivadas depende da utilidade e tamanho das plantas, além da área disponível para o cultivo. De acordo com as observações de campo, a preferência pelo cultivo deve-se ao fato das plantas medicinais apresentarem uma produção constante, proporcionando remédios variados em uma área reduzida que complementam a sua saúde.

Uma área de grande importância para a obtenção de plantas medicinais na comunidade estudada são os quintais. Muitas das plantas medicinais são cultivadas diretamente no chão, canteiros suspensos ou canteiros cercados para proteger dos animais. Outro local para a obtenção de plantas medicinais é a floresta. A importância dos quintais na vida das populações tanto da zona rural como da zona urbana foram citados em diversos trabalhos (Blanckaert *et al.* 2004; Albuquerque *et al.* 2005).

Em sua pluralidade, o local de aquisição de plantas para uso da população é através de quintais, totalizando 87%, seguido da Mata (9%), quintal (3%) e vizinho (1%), conforme demonstrado no Gráfico 9.

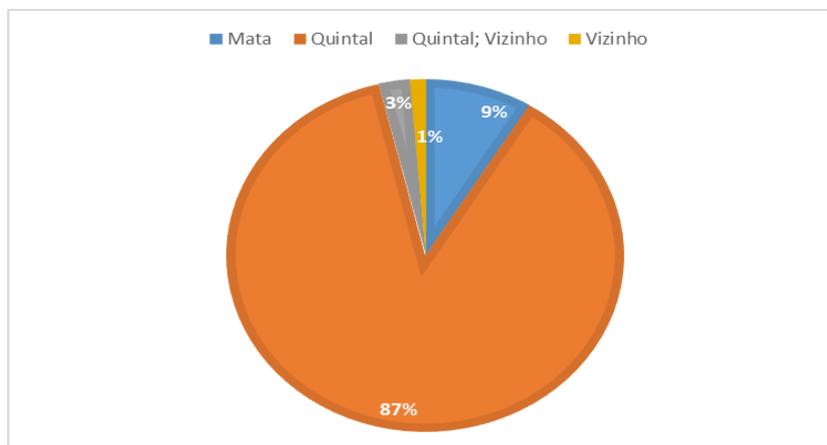


Gráfico 9 - Local de aquisição das plantas.

Os quintais apresentam uma diversidade de elementos manejados, que vão desde espécies de plantas nativas e cultivadas até a criação de animais de pequeno porte, como por exemplo, galinhas.

Na maioria dos quintais há algumas divisões de localização das plantas. As hortas e as plantas frutíferas geralmente são dispostas no fundo da residência, local de maior facilidade para cultivo e manejo das espécies. As plantas da categoria ornamental ficam dispostas na parte frontal da residência, com a função de embelezar o ambiente.

Amorzo (2002) afirma que a diminuição de uso de plantas nativas para fins terapêuticos é ocasionada pela mudança e alteração antrópica dos locais e ambientes naturais. Alguns interlocutores acabaram relatando essa mudança na paisagem local devido à destruição do meio natural para a introdução do café e do eucalipto, atualmente muito forte na região. Isso pode ser uma base de justificativa para maior número de espécies cultivadas e de espécies cosmopolitas em quintais. As plantas cosmopolitas são as mais versáteis, sendo mais prováveis para serem compartilhadas ou transportadas pelos emigrantes para novas áreas (GOUE et al., 2017). Se as antigas roças estão sendo substituídas por monoculturas altamente mecanizadas, resta ainda o quintal, o jardim, o pomar, a horta, que retratam a conservação desse modo tradicional de vida (AMOROZO, 2006).

Albuquerque (2005) afirma que, as práticas tradicionais de cultivo de plantas são simples e de baixo custo. Quando questionado aos entrevistados sobre a importância dos recursos vegetais, em sua maioria as respostas estavam relacionadas à cura de doenças e possibilidade de sobrevivência tanto no quesito alimentar, quanto para o quesito financeiro. Muito do que se produz é consumido pelas famílias, principalmente no cultivo de espécies frutíferas.

Pasa (2004) constatou que uma maneira de manter uma baixa dependência de produtos adquiridos externamente é fundamentado no cultivo e produção em quintais. Além de ocasionar poucos impactos sobre o ambiente, conserva tanto os recursos vegetais, quanto a riqueza cultural.

Para curar as doenças que “afligem à alma”, algumas pessoas procuram rezadores e benzedeiros que além das rezas, usam diversas plantas em seus procedimentos de cura. As principais plantas selecionadas para fins de uso místico foram: Alfazema, Pariri e Tira Azar.

O valor local para a maioria das plantas relacionadas aos rituais foi baixo, bem como, a quantidade de plantas utilizadas nos rituais para a cura dos “males espirituais”. Esse resultado foi similar ao encontrado por Schardong & Cervi (2000), cujo resultado encontrado em comunidades negras do Mato Grosso do Sul, onde apenas 9% das 189 espécies citadas foram usadas com esta finalidade, através de banhos de descarrego e benzeduras.

Os resultados obtidos mostraram que o uso de plantas medicinais ainda é um importante recurso utilizado para a manutenção da saúde da comunidade estudada, que apesar de existir posto de saúde, o uso de plantas para tratamentos de problemas de saúde é bastante frequente. Segundo relato dos moradores, eles selecionam plantas para o uso medicinal pois os remédios caseiros ainda são uma alternativa de socorro para o tratamento de suas doenças mais comuns.

Observou-se que o conhecimento das mulheres a respeito das plantas medicinais é amplo, sendo elas as responsáveis pela preparação dos remédios e cuidados com a saúde da família. Já o conhecimento que os homens têm sobre plantas medicinais é mais restrito e está mais relacionado às espécies na floresta.

Segundo Amorozo e Gély (1988), a mulher domina melhor o conhecimento das plantas que crescem próximo às casas, no quintal e no sítio, enquanto o homem conhece mais as plantas do mato. A importância das mulheres na retenção do conhecimento dos recursos vegetais foi salientado em muitas comunidades (Matavele e Habib 2000; Begossi et al. 2002; Veiga Junior 2008).

Os quintais que foram visitados, se identificam como pequenas agroflorestas. Isso ocorre pelo fato de possuir muita diversidade e mistura de espécies, tendo no mesmo espaço diversos tipos de plantas atribuídas a diversos usos: plantas medicinais, frutíferas, forrageiras, condimentares, hortaliças, madeiras, bem como, possuindo diferentes estratos: abóreo, arbustivo, subarbustivo, trepador e herbáceo.

Em estudos realizados na Índia por Shavanas & Kumar (2003) foi encontrado nos quintais uma grande diversidade de plantas nativas e exóticas cultivadas para alimentação, espécies selecionadas pela população local pelo potencial de adaptação e produção das mesmas. Para o autor, os quintais podem ser áreas de cultivo contínuo de espécies para este fim, constituindo em uma saída para garantir a segurança alimentar das famílias e também contribuir para conservação da diversidade local.

Stepp & Moerman (2001) informam que o cultivo de plantas em quintas está relacionado, geralmente, às espécies da família das Lamiaceae. Trata-se de uma família cosmopolita que domina o grupo das plantas medicinais introduzidas por possuírem compostos biologicamente ativos, além de possuírem estratégias de defesa de acordo com a sua forma de vida, facilidade pela sua obtenção e serem de fácil acesso dos usuários.

As espécies que foram citadas de aquisição na mata são espécies cujo acesso é mais difícil, sendo citada como uma das categorias de uso, a construção de canoas através da madeira.

Tabela 1 - Espécies citadas no levantamento Etnobotânico realizado na Comunidade Divino Espírito Santo, Distrito de Vale Verde, Porto Seguro, Bahia.

N	Nome Comum	Família	Nome Científico	Local (Mercado, Farmácia, Quintal, Mata, Vizinho)	Utilização (Medicinal, Alimentício, Construção, outros)	Para que serve?	Parte utilizada	Preparo	Valor de Uso (VU)	Número de Citações	Origem da Planta (Nativa ou Exótica) *
1.	Sabugueiro	Adoxaceae	<i>Sambucus nigra</i> L.	Quintal	Medicinal	Tosse; sarampo; Gripe	Folhas	Ferve as folhas para fazer chá	0,4285714	03	E
2.	Cajú	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Quintal	Alimentício; Medicinal	Fortalece a imunidade; bom para o coração	Polpa do cajú; semente;	Faz suco; consome a semente ao natural	0,2857714	02	N
3.	Mangueira	Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Quintal	Alimentício; Medicinal	Intestino preso	Fruto	Faz suco; Consumir fruto	0,1428571	01	E
4.	Coentro maranhão	Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Quintal	Alimentício; Medicinal	Tempero para comida; Dor no corpo; Respiração; Impingem; AVC; Frieira	Folhas	Consumir folhas na comida; Fazer chá para passar na pele	0,8571428	06	N
5.	Salsa	Apiaceae	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nym.	Quintal	Medicinal; Alimentício	Infecção no útero; tempero de comida	Folhas e	Para infecção, faz um suco com as folhas da salsa e toma; Utiliza as folhas para temperar comidas	0,2857714	02	E
6.	Mangaba	Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Quintal	Alimentício; Medicinal	Fazer suco; Anti-inflamatório	Fruto e casca	Faz suco	0,2857714	02	N
7.	Janaúba	Apocynaceae	<i>Himatanthus bracteatus</i> (A.DC.) Woodson	Mata	Medicinal	Artrose; Câncer	Casca; látex	Ferve a casca e bebe o chá; Coloca 10 gotas do leite da planta em alguma bebida e toma	0,2857714	02	N
8.	Comigo - ninguém - pode	Araceae	<i>Dieffenbachia Amoena</i>	Quintal	Ornamental	Ornamentar casas e igrejas	Planta inteira	-	0,2857714	02	E
9.	Taioba	Araceae	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.)	Quintal	Medicinal e Alimentício	Reposição de iodo e tratar a tireóide; fonte de ferro	Folhas	Cozinha as folhas e come	0,2857714	02	E

Tabela 1 - Espécies citadas no levantamento Etnobotânico realizado na Comunidade Divino Espírito Santo, Distrito de Vale Verde, Porto Seguro, Bahia.

N	Nome Comum	Família	Nome Científico	Local (Mercado, Farmácia, Quintal, Mata, Vizinho)	Utilização (Medicinal, Alimentício, Construção, outros)	Para que serve?	Parte utilizada	Preparo	Valor de Uso (VU)	Número de Citações	Origem da Planta (Nativa ou Exótica) *
10.	Babosa	Asphodelaceae	<i>Aloe arborescens</i>	Quintal	Medicinal; cosmético	Queimadura na pele; gastrite; queda de cabelo	Folhas	Para queimadura, aplica a polpa da babosa diretamente na pele; para queda de cabelo, bater a polpa da babosa com algum creme e aplicar no cabelo; para gastrite, bater a polpa da babosa com suco e beber.	0,4285714	03	E
11.	Massafete	Asteraceae		Quintal	Medicinal	Rins; Cólica	Folhas	Ferve as folhas para fazer chá, depois coloca na geladeira para ir bebendo aos poucos	0,2857714	02	-
12.	Novalgina	Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i>	Quintal	Medicinal	Dor de cabeça; Febre	Folhas	Ferve as folhas para fazer chá	0,2857714	02	E
13.	Mentrasto	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Quintal	Medicinal	Gripe; Dente mole	Folhas	Para gripe, faz o chá e bebe; Para dente mole, bocejar o chá das folhas	0,2857714	02	N
14.	Picão	Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i>	Quintal	Medicinal	Hepatite	Folhas	Faz o chá e toma	0,1428571	01	E
15.	Arnica	Asteraceae	<i>Lychnophora ericoides</i>	Quintal; Vizinho	Medicinal	Reumatismo; inflamação e infecção/machucados	Folhas	Deixa as folhas em infusão no álcool por alguns dias e depois passa em cima do local desejado	0,4285714	03	N
16.	Artimijo	Asteraceae	<i>Tanacetum parthenium</i>	Quintal	Ornamental; Medicinal; Comercial para turismo; místico	Ornamentação de casa, igrejas; vender para turistas	Planta inteira	Jogar no mar para lemanjá e ornamentar casa; Faz o chá com um punhado de folha e bebe	0,4285714	03	E

Tabela 1 - Espécies citadas no levantamento Etnobotânico realizado na Comunidade Divino Espírito Santo, Distrito de Vale Verde, Porto Seguro, Bahia.

N	Nome Comum	Família	Nome Científico	Local (Mercado, Farmácia, Quintal, Mata, Vizinho)	Utilização (Medicinal, Alimentício, Construção, outros)	Para que serve?	Parte utilizada	Preparo	Valor de Uso (VU)	Número de Citações	Origem da Planta (Nativa ou Exótica) *
17.	Pariri	Bignoniaceae	<i>Arrabidaea chica</i>	Quintal	Uso Místico	Tirar mal olhado	Folhas	Rezar a pessoa com as folhas; Colocar a planta na entrada da casa para espantar o mal olhado	0,1428571	01	N
18.	Confrei	Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i>	Quintal	Medicinal	Calmante; dor no estômago	Folhas	Faz o chá e bebe	0,2857714	02	E
19.	Ora pronobis	Cactaceae	<i>Pereskia grandifolia</i>	Quintal	Alimentação	Reposição de ferro e proteína	Folhas jovens	Cozinha as folhas e come na refeição	0,2857714	02	E
20.	Pequi	Caryocaceae	<i>Caryocar brasiliense</i>	Mata	Construção	Fabricação de móveis para casas e construção de currais	Tronco	Extraí a madeira para confecção de móveis e construção de currais	0,2857714	02	N
21.	Mastruz	Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Quintal	Medicinal	Ferimentos; pancadas; anti-inflamatório; Fonte de vitaminas	Folhas	Ferve as folhas para fazer chá; Faz o emplasto com as folhas e coloca em cima dos ferimentos ou pancadas	0,5714285	04	N
22.	Bacupari	Clusiaceae	<i>Garcinia brasiliensis</i> (Planch. & Triana) Zappi	Mata	Medicinal	Hepatite; Anti-inflamatório; Fonte de ferro	Folha; Fruto	Faz o chá com a fruta e toma; Consumir fruto in natura; Fazer chá com as folhas para tomar banho	0,4285714	03	N
23.	Amor Oculito	Commelinaceae	<i>Tradescantia Quadricolor</i>	Quintal	Medicinal	Dor nos rins; Dor na coluna	Folhas	Ferve as folhas para fazer chá e tomar	0,2857714	02	E
24.	Namoro curto	Commelinaceae	<i>Tradescantia Quadricolor</i>	Quintal	Medicinal	Dores nos rins	Folhas	Ferve as folhas para fazer chá	0,1428571	01	E
25.	Saião	Crassulaceae	<i>Kalanchoe brasilienses</i>	Quintal	Medicinal	Queimadura na pele; pancadas	Folhas	Ferve as folhas, adiciona açúcar e mel e faz o emplasto	0,2857714	02	N

Tabela 1 - Espécies citadas no levantamento Etnobotânico realizado na Comunidade Divino Espírito Santo, Distrito de Vale Verde, Porto Seguro, Bahia.

N	Nome Comum	Família	Nome Científico	Local (Mercado, Farmácia, Quintal, Mata, Vizinho)	Utilização (Medicinal, Alimentício, Construção, outros)	Para que serve?	Parte utilizada	Preparo	Valor de Uso (VU)	Número de Citações	Origem da Planta (Nativa ou Exótica) *
26.	Abóbora	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita spp.</i>	Vizinho	Alimentício; Medicinal	Serve para cicatrização de ferida e para alimentação	Fruto e Semente	Cozinha a abóbora ou rala e coloca na água para cozinhar e comer; Torra a semente, tritura e coloca o pó em cima da ferida	0,2857714	02	E
27.	Palito	Euphorbiaceae	<i>Euphorbia tirucalli</i>	Quintal	Medicinal	Gastrite e Câncer	Exsudação da planta	Pingar três gotas do "leite" do palito dentro de algum líquido e beber	0,2857714	02	E
28.	Merthiolate	Euphorbiaceae	<i>Jatropha Multifida</i>	Quintal	Medicinal	Ferimentos	Folhas	Coloca a exsudação da folha em cima da ferida	0,1428571	01	E
29.	Quebra Pedra	Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus acutifolius</i>	Quintal	Medicinal	Dores nos rins	Folhas	Faz o chá e bebe	0,1428571	01	N
30.	Helicônia	Heliconiaceae	<i>Heliconia rostrata</i>	Quintal	Ornamental; Comercial	Ornamentar casas e igrejas; comercializar	Planta inteira	-	0,4285714	03	N
31.	Hortênsia	Hydrangeaceae	<i>Hydrangea macrophylla</i>	Quintal	Ornamental	Ornamentar casas e igrejas	Planta inteira	-	0,2857714	02	E
32.	Norma	Indeterminada 1		Quintal	Ornamental	Ornamentação de casa, igrejas	Planta inteira ou folhas e flores para arranjos	-	0,2857714	02	-
33.	Tira Azar	Indeterminada 2		Quintal	Uso Místico	Tirar mal olhado	Folhas	Se banhar com a água das folhas já fervidas	0,1428571	01	-
34.	Alfazema	Lamiaceae	<i>Lavandula officinalis Chaix & Kitt.</i>	Quintal	Ornamental; Uso doméstico; Uso místico; Medicinal	Ornamentação de casa, igrejas; Incenso para perfumar a casa e tirar mau olhado; Calmante; Dor de cabeça; Dor no estômago; Tosse	Folhas; galhos; sementes	Faz o buquê e coloca no jarro com água; Faz o chá das folhas, galhos e sementes e toma	1,1428571	08	E

Tabela 1 - Espécies citadas no levantamento Etnobotânico realizado na Comunidade Divino Espírito Santo, Distrito de Vale Verde, Porto Seguro, Bahia.

N	Nome Comum	Família	Nome Científico	Local (Mercado, Farmácia, Quintal, Mata, Vizinho)	Utilização (Medicinal, Alimentício, Construção, outros)	Para que serve?	Parte utilizada	Preparo	Valor de Uso (VU)	Número de Citações	Origem da Planta (Nativa ou Exótica) *
35.	Erva Cidreira	Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i>	Quintal	Medicinal; Alimentício	Controle da pressão (alta); digestão; calmante natural; dor na barriga	Folha	Faz o chá da folha da erva cidreira e coloca uma pitada de noz moscada e bebe.	0,5714285	04	E
36.	Poejo	Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i>	Quintal	Medicinal	Tosse e gripe	Folhas	Fazer melado e dar para as crianças	0,2857714	02	E
37.	Hortelã grosso branco	Lamiaceae	<i>Mentha rotundifolia (L.) Huds.</i>	Quintal	Medicinal; Alimentício	Calmante e tempero para cozinhar	Folhas	Ferve as folhas para fazer chá ou usa as folhas inteiras para temperar alimentos	0,2857714	02	E
38.	Alfavaca	Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum L</i>	Quintal	Alimentício; Medicinal	Tempero para comida; Conjuntivite; Evitar colesterol alto; Temperada de mulher parida	Folhas	Consumir folhas na comida; Fazer chá e deixar em infusão para beber	0,5714285	04	E
39.	Hortelã graúdo	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus (Lour.) Spreng</i>	Quintal	Medicinal	Tempero para comida; Dor no corpo; Respiração; Impingem	Folhas	Consumir folhas na comida; fazer chá para beber	0,5714285	04	E
40.	Boldo	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus Andrews</i>	Quintal	Medicinal	Dores abdominais; Dores no estômago; Fígado; Ressaca; AVC; Colesterol alto	Folhas	Ferve as folhas para fazer chá	0,8571428	06	E
41.	Abacate	Lauraceae	<i>Persea americana</i>	Quintal	Alimentício; Cosmético	Reduz estresse	Fruto	Faz vitamina; Consumir fruto <i>in natura</i>	0,1428571	01	E
42.	Andú	Leguminosae	<i>Cajanus cajan</i>	Quintal	Alimentício; Medicinal	Bom para pancadas	Folhas e Fruto	Machuca as folhas e coloca em cima da pancada; o fruto faz o feijão para comer	0,1428571	01	E

Tabela 1 - Espécies citadas no levantamento Etnobotânico realizado na Comunidade Divino Espírito Santo, Distrito de Vale Verde, Porto Seguro, Bahia.

N	Nome Comum	Família	Nome Científico	Local (Mercado, Farmácia, Quintal, Mata, Vizinho)	Utilização (Medicinal, Alimentício, Construção, outros)	Para que serve?	Parte utilizada	Preparo	Valor de Uso (VU)	Número de Citações	Origem da Planta (Nativa ou Exótica) *
43.	Tiririqui Fedegoso	Leguminosae	<i>Cassia occidentalis</i> L.	Quintal	Alimentício	Dar um sabor mais gostoso para o café e para temperar a cachaça	Raiz e Semente	Torra a semente juntamente com o café para dar um sabor e aroma diferente; Coloca a raiz na cachaça	0,2857714	02	N
44.	Copaíba	Leguminosae	<i>Copaifera lucens</i> Dwyer	Mata	Medicinal; Construção	Infecção no útero	Tronco	Extraí o óleo do tronco da árvore e pinga na boca três gotas uma vez ao dia	0,1428571	01	N
45.	Ingá	Leguminosae	<i>Inga sessilis</i>	Quintal	Alimentício; Medicinal	Alimentação; Cicatrização	Semente	Uso do arilo; Faz chá e deixa em infusão	0,2857714	02	N
46.	Guapuruvú - Tronco de fazer canoa	Leguminosae	<i>Schizolobium parahyba</i>	Mata	Construção; Ornamental	Construção de canoa; bijuterias	Tronco e semente	Faz bijuterias com a semente e canoas com o tronco	0,2857714	02	N
47.	Coroa de rei	Liliaceae	<i>Lilium sp.</i>	Quintal	Ornamental	Ornamentar casas e igrejas	Planta inteira	-	0,2857714	02	E
48.	Romã	Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Quintal; Vizinhos	Medicinal; Alimentício	Dor de garganta	Fruto	Ferve as sementes e gargareja o chá ou chupa a semente natural; Faz lambedor com as folhas	0,1428571	01	E
49.	Acerola	Malpighiaceae	<i>Malpighia emarginata</i> Sesse & Moc. ex DC.	Quintal	Alimentício; Medicinal	Gripe; Resfriado	Fruto	Faz suco; Consumir fruto	0,2857714	02	E
50.	Algodão antigo	Malvaceae	<i>Gossypium herbaceum</i>	Quintal	Medicinal	Infecção interna	Folha	Faz o chá ou toma o sumo extraído diretamente das folhas	0,1428571	01	E
51.	Cacau	Malvaceae	<i>Theobroma cacao</i> L.	Quintal	Alimentício; Medicinal	Colocar na cachaça; suco; regula e pressão sanguínea	Semente	Faz suco; cocada; consome a semente ao natural	0,4285714	03	N

Tabela 1 - Espécies citadas no levantamento Etnobotânico realizado na Comunidade Divino Espírito Santo, Distrito de Vale Verde, Porto Seguro, Bahia.

N	Nome Comum	Família	Nome Científico	Local (Mercado, Farmácia, Quintal, Mata, Vizinho)	Utilização (Medicinal, Alimentício, Construção, outros)	Para que serve?	Parte utilizada	Preparo	Valor de Uso (VU)	Número de Citações	Origem da Planta (Nativa ou Exótica) *
52.	Cupuaçu	Malvaceae	<i>Theobroma grandiflorum</i>	Quintal	Alimentício; Medicinal; Cosmético	Gripe; Pele e cabelo ressecados	Fruto	Faz suco; Faz a manteiga do cupuaçu para passar na pele e no cabelo	0,4285714	03	N
53.	Canela de velho	Melastomataceae	<i>Miconia albicans</i>	Quintal	Medicinal	Reumatismo	Folhas	Faz o chá das folhas e toma	0,1428571	01	N
54.	Manacá	Melastomataceae	<i>Tibouchina mutabilis</i>	Quintal	Alimentício	Temperar cachaça	Raiz	Coloca a raiz dentro da cachaça	0,1428571	01	N
55.	Gameleira	Moraceae	<i>Ficus adhatodifolia</i>	Quintal	Ornamental	Sombra; Abrigo para os animais	Planta inteira	-	0,2857714	02	E
56.	Amorinha	Moraceae	<i>Morus nigra L.</i>	Quintal	Medicinal; Alimentício	Dor nos rins; Cólicas menstruais; Fazer sucos	Folha	Ferve as folhas secas para fazer chá, deixar em infusão por 10 minutos; Bater os frutos no liquidificador juntamente com água	0,4285714	03	E
57.	Banana	Musaceae	<i>Musa spp.</i>	Quintal	Alimentício; Medicinal	Cãibra	Fruto	Consumir fruto	0,1428571	01	E
58.	Pitanga	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i>	Quintal	Medicinal; Alimentício; Cosméticos; Repelente	Curar gripe; Se perfumar; repelir morcegos	Fruto	Para curar gripe, só fazer o chá para beber; Com as folhas em infusão, tomar banho para ficar cheiroso; Espalhar folhas no chão para espantar morcegos	0,4285714	03	N
59.	Jaboticaba	Myrtaceae	<i>Plinia cauliflora</i>	Quintal	Alimentício; Medicinal	Colesterol; Diabetes	Fruto	Consumir o fruto in natura	0,2857714	02	N
60.	Goiaba	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i>	Quintal	Alimentício; Medicinal	Diarreia	Fruto	Comer in natura ou fazer sucos, geleias, doces	0,1428571	01	E

Tabela 1 - Espécies citadas no levantamento Etnobotânico realizado na Comunidade Divino Espírito Santo, Distrito de Vale Verde, Porto Seguro, Bahia.

N	Nome Comum	Família	Nome Científico	Local (Mercado, Farmácia, Quintal, Mata, Vizinho)	Utilização (Medicinal, Alimentício, Construção, outros)	Para que serve?	Parte utilizada	Preparo	Valor de Uso (VU)	Número de Citações	Origem da Planta (Nativa ou Exótica) *
61.	Pega Pinto	Nyctaginaceae	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Quintal	Medicinal	Infecção urinária	Raiz	Descasca a raiz e bate no liquidificador com algum líquido e bebe	0,1428571	01	N
62.	Guiné	Phytolacaceae	<i>Petiveria alliacea</i>	Quintal	Alimentício; Uso místico	Serve para “fechar o corpo” e para curar reumatismo	Folha	Faz chá com as folhas e quando a água esfriar, toma banho porque é uma planta muito forte, coloca as folhas na cachaça	0,2857714	02	N
63.	Pra tudo	Phytolacaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Quintal	Medicinal	Todas as dores	Folhas	Faz o chá com as folhas e toma	0,1428571	01	N
64.	Elixir	Piperaceae	<i>Piper callosum</i> L.	Quintal	Medicinal	Tosse; asma; dor na barriga	Folhas	Ferve as folhas e faz o melado	0,4285714	03	E
65.	Capeba	Piperaceae	<i>Pothomorphe umbellata</i>	Quintal	Medicinal	Dor nos rins	Folha e Raiz	Ferve as folhas para fazer chá	0,1428571	01	N
66.	Quioiô	Plantaginaceae	<i>Plantago major</i>	Quintal	Alimentício; Medicinal	Sinusite; Tempero de comida	Folhas	Faz o chá com as folhas e inala ou toma; Usar as folhas como tempero de comida	0,2857714	02	E
67.	Transagem	Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Quintal	Medicinal	Dor de garganta e dor no útero	Folhas	Faz o chá das folhas e bebe	0,2857714	02	E
68.	Bambuzinho	Poaceae	<i>Bambusa textilis gracilis</i>	Quintal	Ornamental; Medicinal	Ornamentar casas e igrejas; Inchaço no corpo	Planta inteira; Folhas	Para ornamentação, utilizar a planta inteira; Para inchaço no corpo, fazer um chá das folhas e beber	0,4285714	03	E
69.	Pé de galinha	Poaceae	<i>Eleusine indica</i> (L.)	Quintal	Medicinal	Inchaço; problema no fígado; pedra nos rins	Folha; Semente	Fazer o chá das folhas e sementes e beber	0,4285714	03	E

Tabela 1 - Espécies citadas no levantamento Etnobotânico realizado na Comunidade Divino Espírito Santo, Distrito de Vale Verde, Porto Seguro, Bahia.

N	Nome Comum	Família	Nome Científico	Local (Mercado, Farmácia, Quintal, Mata, Vizinho)	Utilização (Medicinal, Alimentício, Construção, outros)	Para que serve?	Parte utilizada	Preparo	Valor de Uso (VU)	Número de Citações	Origem da Planta (Nativa ou Exótica) *
70.	Roseira Branca	Rosaceae	<i>Rosa alba L.</i>	Quintal	Ornamental; Alimentício	Enfeitar quintal de casa; fazer geleias; dores no coração; gripe de criança	Pétalas	Faz o chá das pétalas e bebe para curar gripe de criança e dores no coração	0,5714285	04	E
71.	Jenipapo	Rubiaceae	<i>Genipa americana</i>	Mata	Alimentício; Medicinal	Fonte de ferro	Fruto; Semente	Corta o fruto em pedacinhos e faz o chá juntamente com a semente; Faz o suco com a polpa da fruta e bebe	0,1428571	01	E
72.	Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens L.</i>	Quintal	Alimentício; Medicinal; Repelente contra inseto	Repelente para inseto; Espanta mau olhado; Seve para dores de cabeça	Folhas	Machuca as folhas e coloca na cachaça; Machuca a folha e borrija em animais; Ferve as folhas para fazer chá e beber	0,4285714	03	E
73.	Pitomba	Sapindaceae	<i>Talisia esculenta</i>	Quintal	Alimentício; Medicinal	Curar diarreia; Rica em vitamina C	Fruto	Consumir a fruta in natura	0,2857714	02	N
74.	Groselha	Saxifragaceae	<i>Ribes spp</i>	Quintal	Alimentício	Fazer sucos; doces	Fruto	Faz suco com a fruta e toma; faz doces	0,2857714	02	E
75.	Corana	Solanaceae	<i>Cestrum laevigatum</i>	Quintal	Inseticida	Repelente para inseto	Folha; Galhos	Amassa as folhas e deixa de molho, depois só borrijar	0,1428571	01	N
76.	Fumo	Solanaceae	<i>Nicotiana tabacum</i>	Quintal	Medicinal; Repelente	Dores nas pernas; Anti pulga	Folhas	Amarra a folha do fumo no loca da pernal que esteja doendo; coloca a folha debaixo do galinheiro para não dar pulgas e pelengue nas galinhas	0,2857714	02	E
77.	Embaúba branca	Urticaceae	<i>Cecropia hololeuca</i>	Mata	Medicinal	Serve para tosse e diabetes	Folha, Raíz e Casca	Faz chá e deixa em infusão para beber	0,2857714	02	N

Tabela 1 - Espécies citadas no levantamento Etnobotânico realizado na Comunidade Divino Espírito Santo, Distrito de Vale Verde, Porto Seguro, Bahia.

N	Nome Comum	Família	Nome Científico	Local (Mercado, Farmácia, Quintal, Mata, Vizinho)	Utilização (Medicinal, Alimentício, Construção, outros)	Para que serve?	Parte utilizada	Preparo	Valor de Uso (VU)	Número de Citações	Origem da Planta (Nativa ou Exótica) *
78.	Urtiga	Urticaceae	<i>Urtica dioica L.</i>	Quintal	Medicinal	Doenças de pele ou dores nas pernas	Folhas e casca	Passa a folha "crua" na perna	0,2857714	02	E
79.	Gerbão	Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis (Rich.) Vahl.</i>	Quintal	Medicinal	Machucado; fraturamento	Folhas	Machuca as folhas para fazer emplasto	0,2857714	02	N
80.	Alpínia	Zingiberaceae	<i>Alpinia purpurata</i>	Quintal	Ornamental e Comercial	Ornamentar casas e igrejas	Planta inteira	-	0,2857714	02	E

*Nativa ou Exótica do Brasil (Nativa = N; Exótica = E).

Total = 80 espécies citadas

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos com as entrevistas de campo, algumas considerações principais podem ser sumarizadas:

Foi possível observar durante as visitas e o convívio com os moradores da Comunidade do Divino Espírito Santo que, de forma geral, a população se reconhece como uma comunidade tradicional. Esse fato foi observado em diversos momentos e com pessoas de diferentes faixas etárias ao indicar a relação da comunidade com alguns símbolos como a igreja e as festas religiosas, por exemplo. Diante das entrevistas, observa-se que os interlocutores indicados possuem conhecimento sobre as plantas e a confiança das pessoas da comunidade.

Os conhecimentos sobre a vegetação local e das plantas são adquiridos e passados através de pessoas mais velhas, bem como, pelas vivências diárias com o ambiente natural, refletindo no modo de vida da comunidade, que foi aqui considerada como tradicional.

Os quintais familiares da comunidade do Divino Espírito Santo têm grande diversidade de plantas, cuja categoria principal está relacionada ao uso medicinal. Provavelmente, essa riqueza florística é resultado da presença de espécies típicas, há muitos anos cultivadas e encontradas na região.

Ainda há tradição na procura por aqueles que detêm o conhecimento sobre as plantas, principalmente para uso medicinal. No entanto, o repasse desse conhecimento está se perdendo, uma vez que as indicações de outras pessoas que conhecem sobre as plantas na região abrangem sempre as pessoas mais velhas. Com isso, é provocada a perda da sabedoria de novas gerações e futuras, podendo comprometer no futuro, o número de plantas promissoras para pesquisas científicas que justifiquem suas categorias de usos e sua conservação.

Os interlocutores ainda ressaltaram a falta de interesse do conhecimento tradicional local por parte da geração mais nova, não ensinando o conhecimento que possuem por falta de interesse de seus filhos ou netos.

A diversidade de famílias e espécies de plantas utilizadas pela comunidade é alta e a família botânica mais representativa, *Lamiaceae*, também aparece em outros estudos devido a sua riqueza de espécies com poder medicinal e alimentício.

As plantas nativas parecem estar sendo reduzidas no uso local, pois foi computado 60% das plantas nativas e 40% de plantas exóticas, o que pode ser devido a uma erosão cultural do conhecimento sobre espécies nativas diante da facilidade em se cultivar espécies mais facilmente encontradas em estabelecimentos comerciais.

A escolha das espécies pelos interlocutores da comunidade parece indicar o critério da facilidade no acesso às plantas utilizadas, uma vez que quase todas as espécies provêm dos quintais e não da mata. É possível ainda pensar que, secundariamente, as pessoas escolhem as plantas devido aos seus múltiplos usos, pois a maioria das plantas utilizadas possui mais que uma forma de uso.

8. RECOMENDAÇÕES

Recomenda-se, para continuação futura deste trabalho:

- Realizar o levantamento etnobotânico de todas as outras 05 comunidades que fazem parte do Distrito;
- Elaborar uma lista de plantas reconhecidas como úteis pelas comunidades e distribuir/fornecer o exemplar para a população local;
- Estudos que avaliem a condição de cada espécie citada por entrevistados, para que assim, possa ser realizada uma conscientização dos moradores para um uso local sustentável;
- Formular estratégias de conservação de espécies, como por exemplo, treinamentos regulares de proteção, conservação e manejo pelos moradores das comunidades locais;
- Medidas que proporcionem geração de renda para as comunidades locais no cultivo e conservação de plantas;
- Fornecer subsídio para a sustentabilidade de recursos naturais, desenvolvendo estudos voltados para a conservação e uso sustentável da biodiversidade, de forma a priorizar as espécies e os saberes locais;
- Realizar um estudo Intergeracional para testar a hipótese apresentada de que o conhecimento sobre o tema está se perdendo na comunidade.

9. DEVOLUÇÃO QUALIFICADA

A pesquisadora realizará uma devolutiva (*feedback*) para toda a comunidade, apresentando os resultados obtidos, assim como, incentivando e promovendo alternativas que envolvam a valorização da cultura local, bem como a inclusão de novas demandas surgidas durante a execução da pesquisa.

De acordo com Patzlaff e Peixoto (2009), o retorno para a comunidade sobre os conhecimentos adquiridos através dos estudos locais, configura-se no âmbito da pesquisa etnobotânica como forma de retribuição, respeito e compartilhamento de saberes entre o pesquisador e as comunidades que foram foco de estudo.

10. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. 2006. Re-examining hypotheses concerning the use and knowledge of medicinal plants a study in the Caatinga vegetation of NE Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 2:(30): 1-10

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Comunigraf, Recife, 2008. 324 p.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & CUNHA, L.V.F.C.(Orgs.). 2010. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife – PE: NUPPEA, 559p.

ALBUQUERQUE, U. P. *Etnobiologia e Biodiversidade*, Recife: Livro Rápido/ NUPPEA, 2005.78p.

ALEXIADES, M.N. 1996. Collecting Ethnobotanical Data: An introduction to basic concepts and techniques. In: Alexiades, M.N. (Ed.). **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. Nova York: New York Botanical Garden, p.54 – 93.

AMORA, A.M.G.A. 1996. **O lugar do público no Campeche**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

AMOROSO, M.C.M. & GÉLY, A.L. **Uso de Plantas Medicinais por Caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil**. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi, Serv. Bot.* v.4, n.1, p.47-131, 1988.

AMORZO, M.C.M., MING, L.C. & SILVA, S.M.P. 2002. Interdisciplinaridade na pesquisa científica – extratos da mesa redonda. In: **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**, eds. Amorozo, M.C.M., Ming, L. C. & Silva, S. M. P., Rio Claro: CNPq/UNESP. p. 181-204.

AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 16(2): 189-203, 2002.

ARRUDA, R. “Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. *Ambiente e Sociedade*, v.2.n.5, p. 79-92, 1999.

BEGOSSI, A. 1996. Use of ecological methods in ethnobotany: diversity indices. **Economic Botany**. 50(3), St. Louis, p. 280-289.

CASTANEDA, H.; STEPP, J. R. **Ethnoecological Importance Value (EIV) methodology: assessing the cultural importance of ecosystems as sources of useful plants for the Guaymi People of Costa Rica.** *Ethnobotany Research & Applications*, Cambridge, v. 5, p. 249-257. 2007.

CHAGAS, J. C. N.; FRAXE, T. J. P.; ELIAS, M. E. A.; CASTRO, A. P.; VASQUES, M. S. Os sistemas produtivos de plantas medicinais, aromáticas e condimentares nas comunidades São Francisco, Careiro da Várzea e Santa Luzia do Baixo em Iranduba no Amazonas. *Rev. Bras. de Agroecologia*. 9(1): 111-121. 2014

CPRM. Serviço Geológico do Brasil (2009). **Projeto Porto Seguro-Santa Cruz Cabralia.** Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/> Acessado em 17/09/2017.

DEAN, W. 1996. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira.** Companhia das Letras, São Paulo.

DELWING, A. B.; FRANKE, L. B; BARROS, I. B. I. de; PEREIRA, F. S.; BARROSO, C. M. **A etnobotânica como ferramenta da validação do conhecimento tradicional: manutenção e resgate dos recursos genéticos.** Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v.2, n.1, fev. 2007.

DIEGUES, A. C. S. O mito moderno da natureza intocada / Antonio Carlos Santana Diegues. — 3. a ed. — São Paulo : Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000.

DONADIO, L. C., FERREIRA, F. R. 2002. Mangueira, p. 351-372. In C. H. Bruckner (Ed.). *Melhoramento de fruteiras tropicais.* UFV, Viçosa, Minas Gerais. 422 p.

FERNANDES, M. R. **A valorização dos conhecimentos tradicionais ambientais e sua aplicação conceitual no Cerrado.** Anais do IV Encontro Nacional da Anppas, Brasília, DF, 2008.

FRANCO, E.A.P. & BARROS, R.F.M. 2006. **Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí.** *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Botucatu 8: 78-88.

GALETTI, M. & J.C. Fernandez. 1998. Palm heart harvesting in the Brazilian Atlantic forest: changes in industry structure and the illegal trade. *Journal of Applied Ecology* 35: 294-301.

GANDOLFO, E. S. **Etnobotânica e Urbanização: Conhecimento e Utilização de plantas de Restinga no Distrito do Campeche (Florianópolis, SC).** Florianópolis, SC, 2010.

GOUE, O. G.; MICHAEL, A. C.; BOND, M.; HART, G.; SEYLER, B. C.; MCMILLEN, H. Theories and Major Hypotheses in Ethnobotany. *Economic Botany*, 71(3), pp. 269–287. 2017

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Avaliação e Ações Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos**. Brasília, DF, 2000.

MITTERMEIER, R. A., P. R. Gil, M. HOFFMANN, J. PILGRIM, J. BROOKS, C. G. MIITERMEIER, J. LAMOURUX & G. A. B. FONSECA. 2004. **Hotspots Revisited: Earth's Biologically Richest and Most Endangered Terrestrial Ecoregions**. Cemex. Washington, DC.

MOERMAN, D. E. 1991. The medicinal flora of native North America: An analysis. *Journal of Ethnopharmacology* 31:1–42.

MÜHLBACH, R. 2004. **Plantar, pescar cozinhar e comer: estudando o sabor local**. Dissertação (Mestrado. Agroecossistemas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MYERS, N., R.A. MITTERMEIER, C.G. MITERMEIER, G.A.B. FONSECA & J. Kent. 2000. **Biodiversity hotspots for conservation priorities**. *Nature* 403: 853-845.

NEVES, P. C. da F. 2003. **Do valor espaço ao valor no espaço no distrito do Campeche (Florianópolis – SC): Loteamento Novo Campeche e Loteamento Areias do Campeche**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PASA, M.C. Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, 2004. 174 f. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva de etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 22, p. 37-50. 2010

PHILLIPS, O., and A. H. GENTRY 1993a. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. *Economic Botany* 47:33–43.

PHILLIPS, O., and A. H. GENTRY. 1993b. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. *Economic Botany* 47:15–32.

POSEY, Darrell Addison. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, Berta (org.). *Suma Etnológica Brasileira*. vol.1 (etnobiologia) Petrópolis: FINEP/Vozes, 1986.

PRANCE, G. T. **Etnobotânica de algumas tribos amazônicas**. SUMA Etnológica Brasileira - Etnobiologia. 2^a.ed. Petrópolis, 1987. p. 119-134.

SCHARDONG, R.M.F. & CERVI, A.C. 2000. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. Acta Biológica Paranaense 29: 187-217.

SHAVANAS, A. KUMAR, B.M. Fuelwood characteristics of tree species in the homegardens of Kerala, India. Agroforestry Systems 58: p.11-24, 2003.

SILVA, A. I. **Vale Verde: algumas histórias de uma comunidade**. IV Encontro Estadual de História – ANPUH/BA. 2013.

STAPP, J. R.; MOERMAN, D. E. The importance of weeds in ethnopharmacology . Journal of Ethnopharmacology.75:19–23, 2001.

TABARELLI, M., PINTO, L. P., SILVA, J. M. C., HIROTA, M. M., & BEDÊ, L. C. (2005). **Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica brasileira**. Megadiversidade, 1(1), 132–138.

TABARELLI, M., J.M.C. SILVA & C. GACON. 2004. **Forest fragmentation, synergisms and the impoverishment of neotropical forests**. Biodiversity and Conservation 13:1419-1425.

TABARELLI, M., L.P. PINTO, J.M.C. SILVA & C.M.R. COSTA. 2003. **The Atlantic Forest of Brazil: endangered species and conservation planning**. In: C. Galindo-Leal & I.G. Câmara (eds.). The Atlantic Forest of South America: biodiversity status, trends, and outlook. pp. 86-94. Center for Applied Biodiversity Science e Island Press, Washington, D.C.

TONGCO, M. D. C. 2007. Purposive Sampling as a Tool for Informant Selection. In: Ethnobotany Research & Applications 5, San Diego,p. 147-158.

VIVAN, J.L. Etnoecologia e manejo de recursos naturais: reflexões sobre a prática. In: KUBO, R.R.; BASSI,J.B.; SOUZA, G.C.de; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M. de; ALBUQUERQUE, U.P. de. Atualidades em etnobiologia e etnoecologia. Recife: NEPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. vol.3, p. 45-64.

VOEKS, R. A. 2004. Disturbance pharmacopoeias: Medicine and myth from the humid tropics. Annals of the Association of American Geographers 94:868–888.

WILSON, E. O. *Diversidade da vida*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. 447p.



11. MATERIAL SUPLEMENTAR

APÊNDICES

**Universidade Federal do Sul da Bahia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais**

APENDICE 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) _____

Meu nome é Louise Gomes Passos, sou Engenheira Florestal e estudante do Programa de Pós Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais da Universidade Federal do Sul da Bahia. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o conhecimento e utilização de plantas pelos moradores do distrito de Vale Verde, pertencente ao município de Porto Seguro, localizado no Estado da Bahia.

Portanto, convido o Sr.(a) para participar como voluntário dessa pesquisa, já que o Sr.(a) pode contribuir para o registro do conhecimento da comunidade tradicional, evitando que com o tempo esse conhecimento seja perdido, além de possibilitar o registro de informações que possam contribuir com a preservação do ambiente, já tão ameaçado, da região.

O que queremos com esta pesquisa é saber sobre quais plantas da região vocês conhecem e se elas têm atualmente, ou tiveram no passado, alguma utilidade. Mas para que esse trabalho possa ser realizado, pediremos a sua permissão para lhe fazer algumas visitas, conversar sobre as plantas, fazer alguns passeios para podermos ver essas plantas e algumas vezes coletar partes delas, como folhas, flores e frutos, unicamente para fazer a identificação botânica das plantas apontadas.

As amostras de plantas coletadas serão levadas para o herbário do Jardim Botânico FLORAS da UFSB apenas para serem identificadas. Não vamos fazer nenhum trabalho de extração de princípios ativos pois o nosso objetivo é estudar o conhecimento local sobre as plantas.

É importante destacar também que não temos nenhum objetivo financeiro e que os resultados da pesquisa serão passados ao Sr. (a) e só serão usados para comunicar outros pesquisadores e revistas relacionadas à universidade.

Também pediremos sua permissão para tirar fotografias das plantas e de vocês. Neste tipo de pesquisa, normalmente não existe nenhum tipo de desconforto ou riscos físicos. Entretanto, o Sr. (a) poderá sentir algum tipo de desconforto ao compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que possa se sentir incomodado (a) ao falar. Para evitar tais danos, o Sr. (a) não precisará responder perguntas nem proporcionar e/ou acompanhar as visitas, caso sinta qualquer tipo de incômodo relacionado a estas ações.

Para participar deste estudo o Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. Nós iremos tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e privacidade, sendo que em caso de obtenção de fotografias, vídeos ou gravações de voz, os materiais ficarão sob a nossa propriedade. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Quando terminarmos a pesquisa, disponibilizaremos os resultados para o Sr. (a). Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável na Universidade Federal do Sul da Bahia Campus Sosígenes Costa e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Caso tenha alguma dúvida basta me perguntar, ou nos telefonar. Nosso endereço e telefone são: Universidade Federal do Sul da Bahia – Campus Sosígenes Costa – Porto Seguro, Bahia. BR-367 – km 10, CEP: 45810-000 / (73) 3288 840 / (73) 99914-1169. Ou através do e-mail: lgpflorestal@gmail.com.

Entrevistado: Depois de saber sobre o projeto, de como será feito, do direito que tenho de não participar ou desistir dele sem prejuízo para mim e de como os resultados serão usados, eu concordo em participar desta pesquisa.

Data:	Local:
--------------	---------------

Pesquisador

Responsável Legal: Louise Gomes Passos

Entrevistado

Impressão do dedo polegar ou alguma identificação

(Caso não saiba assinar)



**Universidade Federal do Sul da Bahia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais**

APENDICE 2

Termo de Consentimento Pós Informações

Eu _____, concordo de livre e espontânea vontade em participar do Projeto de Pesquisa “**Conhecimento Etnobotânico na Comunidade Divino Espírito Santo no Distrito de Vale Verde, Bahia, Nordeste do Brasil**”. Fui esclarecido (a) pelos pesquisadores que o objetivo do trabalho é investigar o conhecimento de moradores da região sobre plantas presentes no local.

Fui informado pelos pesquisadores que esta etapa da pesquisa é importante para sabermos o que a população que vive no Vale Verde - BA sabe sobre algumas plantas. Também fui esclarecido que estes resultados serão transmitidos à comunidade da qual faço parte, através de um retorno dos pesquisadores envolvidos.

Estou ciente de que este é um projeto de pesquisa que não tem fins lucrativos, de que minha identidade será mantida em sigilo e que posso desistir da participação a qualquer momento.

Data:

Local:

Pesquisador

Responsável Legal: Louise Gomes Passos

Entrevistado

Impressão do dedo polegar ou alguma identificação

(Caso não saiba assinar)



Universidade Federal do Sul da Bahia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais

APENDICE 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nº da entrevista: _____ Coordenada: _____

Entrevistado: _____

Local: _____ Data: _____

1. Nome: _____ 2. Sexo: _____

3. Idade: _____ 4. Estado Civil: _____ 5. Nº de filhos: _____

6. Nº de filhos ainda residentes na região: _____ 7. Profissão: _____

8. Residência: Própria Alugada Outros:

9. Principal fonte de renda: _____

10. Escolaridade:

Ensino Fundamental: Completo Em andamento Incompleto

Ensino Médio: Completo Em andamento Incompleto

Ensino Superior: Completo Em andamento Incompleto

Pós-Graduação: Completo Em andamento Incompleto

11. Renda Mensal (salários mínimos):

até 1 2 a 3 4 a 6 7 a 9 10 a 15 16 a 20 >20

12. Sempre morou no mesmo local?

sim não

13. Onde o senhor(a) nasceu? Em quais outras áreas morou?

14. O senhor(a) acha que a vegetação local tem alguma importância? Qual??

15. Quais plantas da região o senhor(a) conhece? INVENTÁRIO

16. O senhor já usou, ou ainda usa, algumas plantas para alguma finalidade específica? (Medicinal, alimentício, construção civil, outras finalidades) Quais? INVENTÁRIO

17. Em caso de doença você recorre:

() Médico () Balconista de farmácia () Benzedeira () Vizinhos () Plantas

18. Na sua opinião, quem são as pessoas que mais conhecem de plantas aqui na sua comunidade?

**Universidade Federal do Sul da Bahia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais**

APENDICE 4

Declaração de Uso e Ocupação do Herbário

Eu, Jorge Antonio Silva Costa, Declaro para os devidos fins que, os exemplares de plantas coletadas para fins de classificação taxonômica do projeto de pesquisa intitulado “**Conhecimento Etnobotânico na Comunidade Divino Espírito Santo no Distrito de Vale Verde, Bahia, Nordeste do Brasil**” pela pesquisadora Louise Gomes Passos*, serão identificados e armazenados no acervo do Herbário Prof. Geraldo C. P. Pinto (GCPP) da Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Sosígenes Costa, no município de Porto Seguro, Bahia.

Data:

Local:

Jorge Antonio Silva Costa

Curador e Biólogo do herbário FLORAS

**Universidade Federal do Sul da Bahia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais**

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFSB

APENDICE 5

Carta de Anuência da Instituição

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos o (a) pesquisador (a) Louise Gomes Passos, a desenvolver o seu projeto de pesquisa intitulado “**Conhecimento Etnobotânico na Comunidade Divino Espírito Santo no Distrito de Vale Verde, Bahia, Nordeste do Brasil**”, nesta Instituição.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos da Resolução 510 de 07 de abril de 2016 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes do início da coleta dos dados o (a) pesquisador (a) responsável deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Porto Seguro, ____/____/____.

Nome/assinatura e carimbo do responsável pela Instituição

Nome/assinatura e carimbo do responsável pelo PPGCTA

**Universidade Federal do Sul da Bahia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais**

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFSB

APENDICE 6

Carta de Anuência para Condução de Riscos e Danos Psicológicos em interlocutores

Declaramos para os devidos fins, que todo e qualquer interlocutor que se sinta vulnerável, prejudicado ou que venha a sofrer algum dano psicológico durante a atuação do (a) pesquisador (a) Louise gomes Passos, no desenvolvimento do projeto de pesquisa “Conhecimento Etnobotânico na Comunidade Divino Espírito Santo no Distrito de Vale Verde, Bahia, Nordeste do Brasil”, que está sob a coordenação/orientação do(a) Prof. (a) Jorge Antonio Silva Costa, deverá ser submetido ao atendimento da psicóloga do Campus Sosígenes Costa, Sr^a Valéria Aparecida Vieira Fagner e da sua chefia imediata, o Coordenador de Apoio Administrativo, Sr. Joaquim Barbosa de Souza, de modo que, caso seja necessário, deverão fazer os devidos encaminhamentos.

Porto Seguro, em ____/____/____

Nome/assinatura e carimbo do responsável pela Instituição ou pessoa por ele

delegada